

Subsídios para uma Iconografia da Morte no Porto do séc. XIX

«Coraríeis por ornar a sua humilde sepultura?
Para consolar a sua vida, honrai então a sua morte,
Com uma pedra menos rude honrai o seu túmulo,
Traçai aí as suas virtudes e o lamento do burgo...»

JACQUES DELILE (1738/1813)

Introdução

O fenómeno da morte, conquanto inelutável, ocasiona no homem as mais distintas reacções, e, numa visão histórica, bem se pode dizer que, neste campo, o século XIX trouxe uma forma muito própria de o entender.

Tomamos novamente ¹ como mote de investigação o Cemitério Romântico na sua concepção oitocentista, pejado de interessantes vivências e atitudes perante a última morada do ente querido. O Homem do século XIX concebe o Cemitério como local de perpetuação da imagem, impregnado de recordações. E levanta-

¹ Vd. o artigo da nossa autoria *Subsídios para uma Iconografia da Morte no Porto do séc. XIX (I)* na Revista «Poligrafia», do Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1994, nº 3, em que apresentamos algumas plantas de cemitérios portuenses, portões de cemitérios, bem como as Capelas Gerais e as das Secções Privativas nos Cemitérios Municipais do Prado do Repouso e de Agramonte. Deste conjunto de artigos farão parte, pelo menos, outros dois artigos: *Subsídios para uma Iconografia da Morte no Porto do séc. XIX (III)*, onde serão analisados os seguintes assuntos: a figura do Dr. Francisco d'Assis de Sousa Vaz; os símbolos cemiteriais (caveiras e tómbias, ampulheta com asas, foice, facho, urna com mortalha, ave de agoiro, morcego, etc.); os carros funerários; a heráldica cemiterial (reflexos sociais e ostentação no Cemitério Romântico) e *Subsídios para uma Iconografia... (IV)*, onde serão tratadas as diversas tipologias de construções funerárias cemiteriais.

-se bem alto a honra dos Mortos; ergue-se, assim, a pujança dos vivos. Neste sentimento, misto de poder, orgulho e glória *post mortem*, o cemitério é o reflexo da organização da sociedade local, onde a magnificência das construções é tradutora da exuberância possidente dos vivos. Deste modo, as construções cemiteriais surgem como pretexto dos vivos para honrar os mortos e, ao mesmo tempo, manter a dignidade dos que permanecem ².

Deste culto dos mortos surgiu todo um conjunto de edificações cujo estudo se revela da maior urgência, ao mesmo tempo que a sua inventariação e protecção se exigem.

I. A Arte cemiterial no Porto

1. As oficinas que executaram construções funerárias

Um dos aspectos mais ignorados da arte cemiterial portuense, que teve a sua expansão na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, relaciona-se com as casas comerciais e os artistas que levaram a cabo as capelas, os baldaquinos, as aras, enfim, as mais diversas construções funerárias presentes nos cemitérios portuenses. Neste caso, restringimos o nosso registo aos Cemitérios Municipais do Prado do Repouso e de Agramonte ³.

As casas comerciais que constroem os monumentos funerários têm, por vezes, uma linguagem própria, sendo a mais coerente, pelo que temos vindo a observar, como que agindo de acordo com uma linha programática, a Casa de Almeida da Costa (seja

² «A humildade que caracterizou a postura perante a morte de determinadas pessoas, pretendendo uma mera laje, por vezes com epígrafes reveladoras das mais submissas atitudes, é, no século XIX, afastada, para dar lugar à ostentação, à grandeza, simbiose dos planos vida-morte, em que a grandeza e magnificência da vivência terrena contrabalançaria com uma morada eterna de igual semblante». Cf. SOUSA, D. Gonçalo de Vasconcelos e - *Ser e estar perante a morte no Porto dos séculos XIX e XX: Reflexos no património cemiterial*. Lusitania Sacra. 1994, 6, p. 315.

³ Este registo teve por base os itens: «3.3.3 - Artistas e oficinas no Prado do Repouso. Subsídios para o seu estudo» e «4.3.3 - Artistas e oficinas em Agramonte. Subsídios para o seu estudo» do nosso trabalho, *Cemitérios portuenses: História e Arte*. Porto [s.n.], 1994, respectivamente p. 48-50 e p. 79-82. Trabalho policopiado de Seminário em Património Construído, apresentado no Curso de Ciências Históricas (Ramo do Património) da Universidade Portucalense.

nesta versão, ou nas de Almeida da Costa & Rocha; ou Costa & C^a).

Vejamos algumas oficinas que executaram construções funerárias no Prado do Repouso e em Agramonte.

Bernardo Marques da Silva

Conhecemos várias oficinas de Bernardo Marques da Silva, pai do arquitecto portuense de formação parisiense Marques da Silva ⁴, na R. do Estevão n^o 19, na Praça de Carlos Alberto n^o 91 e na R. da Trindade n^o 9 ⁵ ⁶. Encontramos as suas obras em ambos os Cemitérios Municipais do Prado do Repouso e de Agramonte, mas a maior concentração de edificações saídas das suas oficinas é possível observar na Secção Privativa da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, no Cemitério de Agramonte. É o caso do baldaquino de José Alves



Fig. 1 - Planta de altar executado por Bernardo Marques da Silva, no Cemitério do Prado do Repouso.

⁴ Vd. CARVALHO, António Cardoso Pinheiro de - *O arquitecto José Marques da Silva e a arquitectura no norte do País na primeira metade do século XX*. Porto [s.n.], 1992. Dissertação de Doutoramento policopiada apresentada à Faculdade de Letras do Porto.

⁵ Bernardo Marques da Silva, «pedreiro lavrista» por alturas do seu casamento, em 1877, com Maria Rosa (filha de José Paulo Fernandes e de Quitéria Rosa) esteve politicamente situado na proximidade dos Regeneradores e «tornar-se-á um industrial de relativo sucesso, oscilando entre a estatúria de um quotidiano marcadamente oitocentista, com a encomenda de obras de fé e amor, complemento de uma arquitectura civil, funerária e religiosa de larga expressão local e regional, e o trabalho de serração e afeiçoamento de mármore destinados à construção civil e equipamentos, recorrendo por vezes à importação de Itália». Sobre o que dissemos nesta nota, vd. SOUSA - *Cemitérios portuenses*.

⁶ Bernardo Marques da Silva foi irmão da Ordem Terceira da Santíssima Trindade, tendo sido Definidor na mesma instituição. Encontramos referências ao arrendamento do extinto Ce-

Barbosa ⁷, realizado em 1884; do de Francisco José Leite Borges ⁸, este do ano de 1885; do da Família de Francisco António Ribeiro ⁹ e do do Comendador Agostinho Lopes Cardoso ¹⁰; da ara encimada pelo busto de José António Lopes Sampaio, curiosa construção em mármore, perfeitamente invulgar no panorama cemiterial portuense ¹¹; a arca funerária de D. Margarida Soares de Oliveira, rematada por um fogaréu ¹²; o tabernáculo de Justino da Silva Pereira, de grande sentido estético, sobretudo pela mortalha de bronze que dele pende ¹³; a Capela dos Condes da Trindade, onde se destaca a pedra de armas situada no frontão ¹⁴. No Cemitério do Prado do Repouso, poderia destacar a Capela de José Marques Coelho e de sua mulher, de sabor neo-gótico final, mas, infelizmente, mal restaurada ¹⁵, bem como o jazigo do Barão do Valado ¹⁶ e o jazigo de D. Maria de Jesus Almeida, em forma de altar ¹⁷.

mitério da Ordem da Trindade efectuado a Marques da Silva, pela quantia anual de 150\$000 rs. Vd. COUTINHO, B. Xavier - *História documental da Ordem da Trindade*. Vol. 2. Porto: Ed. da Ordem da Trindade, 1972, p. 867-868 e 1059.

⁷ Localizado no Cemitério de Agramonte, Secção Privativa da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, 1ª Secção, Jazigo nº 151. Vd. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 5, ficha nº 141.

⁸ Localizado no Cemitério de Agramonte, Secção Privativa da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, 2ª Secção, Jazigo nº 174. Vd. *ibidem*, ficha nº 144.

⁹ Localizado no Cemitério de Agramonte, Secção Privativa da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, 2ª Secção, Jazigo nº 186. Vd. *ibidem*, ficha nº 145.

¹⁰ Localizado no Cemitério de Agramonte, Secção Privativa da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, 20ª Secção, Jazigo nº 535. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 5, ficha nº 163.

¹¹ Localizada no Cemitério de Agramonte, Secção Privativa da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, 7ª Secção, Jazigo nº 296. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 5, ficha nº 153.

¹² Localizada no Cemitério de Agramonte, Secção Privativa da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, 8ª Secção, Jazigo nº 379. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 5, ficha nº 156.

¹³ Localizada no Cemitério de Agramonte, Secção Privativa da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, 9ª Secção, Jazigo nº 449. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 5, ficha nº 157.

¹⁴ Localizada no Cemitério de Agramonte, Secção Privativa da Ordem Terceira da Santíssima Trindade, Secção M, Jazigo nº 1. Vd. *ibidem*, tomo VI, vol. único, ficha nº 29.

¹⁵ Localizada no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 36ª Secção, Jazigo nº 1093. Vd. *ibidem*, vol. 2, ficha nº 43.

¹⁶ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 11ª Secção, Jazigo nº 374. Vd. *ibidem*, tomo VI, vol. único, ficha nº 1. A propósito deste jazigo, vd. o nosso trabalho *Genealogia e cemitérios: alguns casos nos cemitérios portuenses do Prado do Repouso e de Agramonte* (no prelo, a publicar no Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Libris. 1995).

¹⁷ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 16ª Secção, Jazigo nº 313. Vd. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo IV, vol. único, ficha nº 24-B. Para a sua planta (vd. a obra atrás referida, ficha nº 24-A), vd. ARQUIVO HISTÓRICO MUNI-

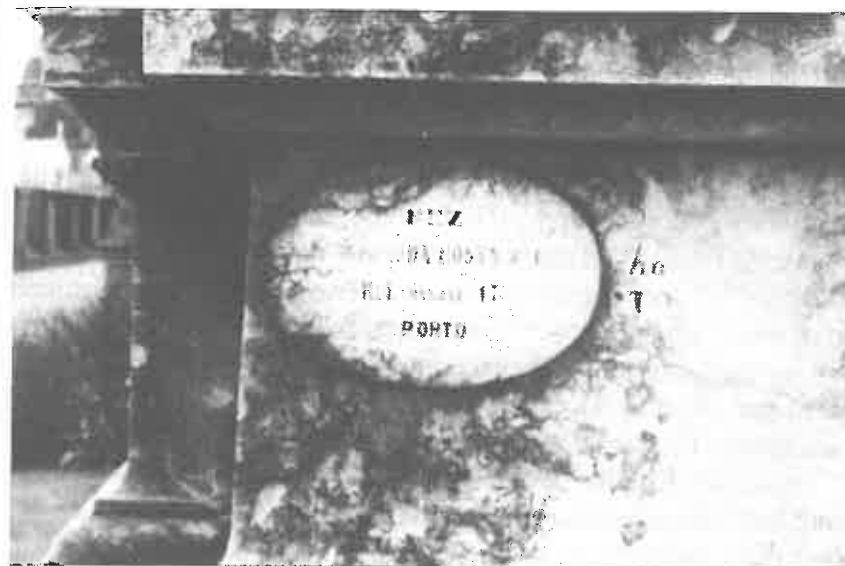


Fig. 2 - Placa da oficina «Almeida da Costa & Cª», na R. do Laranjal, colocada na Capela da Família dos Condes de Alves Machado (Cemitério de Agramonte).

António de Almeida Costa & Cª

António de Almeida Costa teve uma grande influência, seja através da sua oficina da Rua do Laranjal, seja através das produções cerâmicas da sua Fábrica Cerâmica das Devesas, em Vila Nova de Gaia, na arte funerária portuense da segunda metade de oitocentos e primeiros anos da actual centúria ¹⁸. Da responsabilidade das suas várias oficinas saíram obras de relevante concepção e certo sentido estético, como, no Prado do Repouso, o jazigo de António José da Silva Porto, um pedestal encimado por um grupo escultórico em mármore ¹⁹; o célebre pedestal encimado pela ale-

CIPAL DO PORTO (A.H.M.P.) - *Documentos Originaes Avulsos*, Lº 10 (1874 e 1875), Ano de 1875, Doc. nº 20, fl. 104.

¹⁸ «Mestre pedreiro vindo do sul do país, acabou por fundar, cerca de 1867, uma das maiores unidades industriais de Vila Nova de Gaia, a Fábrica Cerâmica das Devesas, onde chegou a ter como sócio o escultor e barrista Teixeira Lopes (Pai).» Vd. FRANCISCO SILVA - *António Almeida Costa, Salvador Ferreira Brandão e Joaquim de Oliveira Lopes - Beneméritos de Vila Nova de Gaia*. Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia. 1992, 5 (33) p. 15.

¹⁹ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 26ª Secção, Jazigo nº 251. Vd. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 1, ficha nº 30.

goria da Caridade, do Dr. Campiam, e de que falaremos pormenorizadamente no ponto três desta artigo; o jazigo do Comendador Caetano José de Oliveira Roxo²⁰, com um anjo, sendo o pedestal cantonado por fachos²¹; o jazigo do 1º Visconde de Las Casas²², uma arca funerária (rematada por um portentoso fogaréu), que encima um pedestal rectangular²³; a capela do Comendador Manuel Francisco Duarte Cidade, com o frontão profusamente ornamentado com borlas e volutas e onde se inscreve o busto em mármore do mesmo Comendador²⁴; o baldaquino de Adriano da Costa Ramalho, com uma torre-obelisco encimada pela alegoria da Fé²⁵; da firma Almeida da Costa & Rocha é a responsabilidade pela execução da Capela de B. M. Ramalho²⁶, em quase tudo semelhante à Capela dos Condes de Alves Machado²⁷; a Capela, de grande qualidade de execução, da Família de Francisco Rodrigues Nogueira em frente da qual, encimando plintos, podemos observar duas bilhas²⁸; a arca funerária de José da Silva Pires, muito semelhante à do Visconde de Las Casas²⁹.

²⁰ Caetano José de Oliveira Roxo era negociante da Praça do Rio de Janeiro. O terreno foi comprado por D. Rita Maria de Oliveira Roxo em 20 de Fevereiro de 1869. Cf. ARQUIVO CORRENTE DO CEMITÉRIO DO PRADO DO REPOUSO (A.C.C.P.R.) - *Jazigos*, Lº 1 (nº 1 a 300), nº 195; SOUSA - *Cemitérios portugueses*, tomo V, vol. 2, ficha nº 46.

²¹ As flâmulas em mármore estão partidas.

²² De seu nome Félix de las Casas, tendo sido o título concedido por D. Luís através de Decreto de 1 de Agosto de 1872. Vd. *NOBREZA de Portugal e do Brasil*. Dir. de Afonso Eduardo Martins Zúquete. 2ª ed. Vol. 2. Lisboa: Representações Zairol, 1984, p. 677.

²³ Localizada no Cemitério do Prado do Repouso, Secção Privativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto, Jazigo nº 12. Vd. SOUSA - *Cemitérios portugueses*, tomo V, vol. 3, ficha nº 87.

²⁴ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Secção Privativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto, Jazigo nº 16. Vd. *ibidem*, ficha nº 89.

²⁵ A atribuição deste jazigo a António Almeida da Costa é feita in *CATÁLOGO: Arte e silêncio*. Porto: Casa do Infante; Pelouro da Limpeza e Serviços Gerais da Câmara Municipal do Porto, 1989, nº 11. Ficha localizado no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 5ª Secção, Jazigo nº 89. Vd. SOUSA - *Cemitérios portugueses*, tomo V, vol. 4, ficha nº 106.

²⁶ Localizada no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 7ª Secção, Jazigo nº 341. Vd. *ibidem*.

²⁷ Localizada no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 7ª Secção, Jazigo nº 499. Vd. *ibidem*, ficha nº 107.

²⁸ No interior desta Capela encontramos dois bustos (de Senhor e de Senhora), assentes sobre mísulas, reveladores da grande categoria do Escultor, cujo nome não identificámos por não havermos podido entrar na Capela. Está localizada no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 14ª Secção, Jazigo nº 517. Vd. *ibidem*, ficha nº 115.

²⁹ Localizada no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 16ª Secção, Jazigo nº 63. Vd. *ibidem*, ficha nº 119.

Em relação a algumas esculturas da Fábrica Cerâmica das Devesas presentes em Agramonte e no Cemitério de Lordelo, destacamos um anjo ajoelhado e outra representação escultórica, situados no jazigo de Abílio Magro de Moura Bessa³⁰, bem como duas «Saudade» que compõem dois jazigos do Cemitério Paroquial de Lordelo do Ouro³¹. Também no jazigo de Gustavo Peter Cudell podemos encontrar uma «Saudade» encostada a uma coluna, e que tem origem na mesma fábrica³².

Amatucci

Desta família surgem-nos referenciados nas epígrafes funerárias dois nomes: José Carlos³³ e Emídio Carlos Amatucci³⁴. A oficina de José Carlos Amatucci situava-se na Rua de Santa Catarina, nº 146³⁵, e é de notar que as suas obras se encontram, quase que exclusivamente, no Cemitério do Prado do Repouso. Entre elas, salientam-se: o mausoléu-templete de José Caetano Moreira, infelizmente tão degradado, e que merecia uma maior atenção camarária, com a sua balaustrada em mármore, e onde, no interior do qual se dispõe a estátua de corpo inteiro de José Caetano Moreira³⁶; o pedestal encimado pela alegoria da Fé, da Família de Gaspar António de Oliveira Bastos, realizado, em 1882, por Emídio Carlos Amatucci³⁷; a ara, encimada por pequeno obelisco,

³⁰ Vd. *ibidem*, tomo I, vol. único, figs. 44 e 45.

³¹ Vd. *CATÁLOGO: Arte*, nº 27 e 31. Nesta obra coloca-se a hipótese do Escultor responsável por estas obras poder ser José Joaquim Teixeira Lopes. Sobre este Escultor, vd. LAPA, Teresa - *Teixeira Lopes (Pai) Homem do Douro*. Gaya. [Gabinete de História e Arqueologia de Vila Nova de Gaia]. 1987, 5, p. 345-350; PAMPLONA, Fernando de - *Dicionário de Pintores e Escultores portugueses*. 2ª ed. Vol. 5. [S.l.:] Livraria Civilização Editora, 1987, p. 282-283; IDEM - *Um século de pintura e escultura em Portugal (1830-1930)*. Porto: Livraria Tavares Martins, 1943, p. 225.

³² Vd. *CATÁLOGO: Arte*, nº 30.

³³ Sobre João Carlos Amatucci, que deverá ser seu parente, vd. PAMPLONA - *Dicionário*, vol. 1, p. 94.

³⁴ Vd. *ibidem*.

³⁵ Vd. o obelisco de António da Silva Moreira, localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, Jazigo nº 292. Cf. SOUSA - *Cemitérios portugueses*, tomo IV, vol. único, ficha nº 18-B.

³⁶ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 33ª Secção, Jazigo nº 124. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 2, ficha nº 36.

³⁷ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 6ª Secção, Jazigo nº 366. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 1, ficha nº 7.



Fig. 3 - Epígrafe de José Amatucci, no jazigo de Francisco dos Santos Carneiro (Cemitério do Prado do Repouso).

e que ostenta a cruz de Cristo, de Manuel Vaz de Miranda Guimarães³⁸; o jazigo de José Dias Ribeiro, com um pedestal rematado pela alegoria da Saudade, realizada por José Amatucci³⁹; o baldaquino em mármore, onde se inscreve a estátua de corpo inteiro de Francisco Martins e Castro⁴⁰; a curiosa construção funerária de Francisco dos Santos Carneiro, em cuja base se dispõe um relevo representando uma árvore carregada de frutos, partida, e um carneiro que ergue a cabeça na sua direcção, sendo da autoria de José Carlos Amatucci⁴¹; os tabernáculos, encimados por um cão, no jazigo de José da Silva Passos e de D. Ana Margarida Soares⁴² e no de José Pinto Soares e de D. Emília Delfina da Costa Soa-

³⁸ Localizada no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 12ª Secção, Jazigo nº 29. Vd. *ibidem*, ficha nº 15.

³⁹ Localizada no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 47ª Secção, Jazigo nº 344. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 2, ficha nº 64.

⁴⁰ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 47ª Secção, Jazigo nº 345. Vd. *ibidem*, ficha nº 65.

⁴¹ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 53ª Secção, Jazigo nº 267. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 3, ficha nº 75.

⁴² Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Secção Privativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto, Jazigo nº 1. Vd. *ibidem*, ficha nº 82.

res⁴³, em que estão representadas, envolvendo as epígrafes com o nome dos jacentes, duas serpentes mordendo a cauda, símbolo da Eternidade⁴⁴.

Joaquim Maria da Silva

Encontramos a referência às oficinas de Joaquim Maria da Silva na Rua da Cancela Velha, nº 32 a 34⁴⁵ e na Rua do Bonjardim, n.ºs 495-499⁴⁶, mas também à firma Joaquim Maria da Silva & Alves, situada na Rua da Cancela Velha, n.ºs 14-18⁴⁷.

As suas obras estão presentes, tanto no Cemitério do Prado do Repouso, como em Agramonte. Entre elas, refira-se: o pedestal encimado por cruz, que constitui o jazigo de José Francisco da Piedade⁴⁸, com uma cruz de Cristo que pende de uma fita sainte de uma coroa; a Capela da Família Andrade Couto⁴⁹, de pendur revivalista, na qual Joaquim Maria da Silva seguiu um risco de Joel da Silva Pereira; o jazigo de João Marques Pereira⁵⁰, com o seu busto em relevo inscrito num medalhão de formato circular; o pedestal encimado pela alegoria da Saudade, no jazigo de Família de Paulino de Sá Pereira de Melo ou jazigo Santos Dumont⁵¹, em que uma menina segura um ramo de flores na mão direita (Saudade); o baldaquino de Manuel Pereira Pinto, encimado pela alegoria da

⁴³ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Secção Privativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto, Jazigo nº 2. Vd. *ibidem*, ficha nº 83.

⁴⁴ Sobre este assunto vd. o nosso trabalho *Subsídios para uma Iconografia da Morte no Porto do século XIX (III)* (em preparação).

⁴⁵ Vd., por exemplo, a epígrafe presente em SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 4, ficha nº 107, no jazigo do Dr. António Augusto Alves de Sousa.

⁴⁶ Vd. a epígrafe presente em *ibidem*, tomo V, vol. 3, ficha nº 79, no jazigo de João Marques Pereira.

⁴⁷ Vd. a epígrafe presente em *ibidem*, tomo V, vol. 1, ficha nº 29, no jazigo de José Francisco da Piedade.

⁴⁸ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 26ª Secção, Jazigo nº 187. Vd. *ibidem*, ficha nº 29.

⁴⁹ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 32ª Secção, Jazigo nº 669. Vd. *ibidem*, ficha nº 34.

⁵⁰ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 59ª Secção, Jazigo nº 1329. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 3, ficha nº 79.

⁵¹ Localizado no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 2ª Secção, Jazigo nº 1111. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 4, ficha nº 102. Sobre este jazigo, cf. *CATÁLOGO: Arte*, nº 76.

Saudade, e, no seu interior, podemos deparar com uma mísula que encima um plinto e é rematada pelo busto de M. Pereira Pinto ⁵²; o pedestal rematado pelo busto do Dr. António Augusto Alves de Sousa, com decorações emolduradas em arabescos, tendo uma base rectangular cantonada por vasos ⁵³; a curiosíssima, e muito pouco vulgar, construção funerária de Joaquim Maria da Silva (1847-1911) com a representação do seu busto em mármore ⁵⁴; o duplo pedestal encimado por um fogaréu no jazigo de Manuel Vaz Guimarães ⁵⁵, onde novamente figura um relevo com o seu busto. Pelo que podemos constatar, esta oficina recorre frequentemente à representação escultórica das personagens jacentes.

J. A. dos Santos

Com a oficina localizada na R. do Corpo Santo ⁵⁶, J. A. dos Santos é o responsável por um vasto conjunto de edificações funerárias, situadas principalmente no Cemitério do Prado do Repouso. Vejamos algumas das suas obras: o pedestal encimado pela alegoria da Sabedoria, que constitui o jazigo da Família de António José de Noronha ⁵⁷; o pedestal rematado por uma urna ornamentada com festões, onde se dispõem, em relevo, as alusões ao pintor oitocentista João Baptista Ribeiro, que aí está sepultado, ou seja, uma coroa, pincéis, moca e paleta em mármore ⁵⁸; o baldaquino da Família de Gaspar Lucas de Almeida, em cuja base jaz uma pomba em mármore, num trabalho bastante interessante ⁵⁹;

⁵² Localizado no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 4ª Secção, Jazigo nº 436. Vd. SOUSA - *Cemitérios portugueses*, tomo V, vol. 4, ficha nº 105.

⁵³ Localizado no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 5ª Secção, Jazigo nº 885. Vd. *ibidem*, ficha nº 107.

⁵⁴ Localizado no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 11ª Secção, Jazigo nº 1146. Vd. *ibidem*, ficha nº 113.

⁵⁵ Localizado no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 23ª Secção, Jazigo nº 320. Vd. *ibidem*, ficha nº 126.

⁵⁶ Como se pode ler na epígrafe presente no jazigo de António Lourenço Correia, no Cemitério do Prado do Repouso. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 2, ficha nº 48.

⁵⁷ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 8ª Secção, Jazigo nº 156. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 1, ficha nº 11.

⁵⁸ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 26ª Secção, Jazigo nº 181. Vd. *ibidem*, ficha nº 28.

⁵⁹ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 34ª Secção, Jazigo nº 338. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 2, ficha nº 39.



Fig. 4 - Epígrafe de J. A. dos Santos, no jazigo de António Mouta Júnior (Cemitério de Agramonte).

o pedestal com caixão e estela, sendo o caixão coberto, parcialmente, por um manto com franja e borlas, no jazigo de António Lourenço Correia ⁶⁰; a estela funerária com caixão, de António Joaquim Vasques Guimarães ⁶¹; o pedestal, encimado por um caixão, que assenta sobre o dorso de quatro águias, e que possui, num dos lados do pedestal, o busto de D. Virgínia Cândida Salgado Mouta (1830-1880) ⁶².

José A. Costa & C^a

A firma J. A. Costa & C^a tinha a oficina instalada na R. dos Mártires da Liberdade nº 118 ⁶³, se bem que J. A. Costa possuísse anteriormente, em local próximo, ou seja, na Praça de Carlos

⁶⁰ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, Secção 38-A, Jazigo nº 33. Vd. *ibidem*, ficha nº 48.

⁶¹ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 44ª Secção, Jazigo nº 217. Vd. *ibidem*, ficha nº 55.

⁶² Localizado no Cemitério de Agramonte, Secção Privativa da Ordem Terceira da Santíssima Trindade, Secção L, Jazigo nº 71. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 6, ficha nº 198.

⁶³ Vd. a epígrafe que se pode ler no jazigo de D. Gertrudes Gomes da Costa, no Cemitério do Prado do Repouso. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 1, ficha nº 21.

Alberto ⁶⁴, uma outra oficina. Entre as construções funerárias da sua responsabilidade, referimos o monte de pedras encimado pela alegoria da Fé, sentada, por um mocho, uma caveira e ossos, no jazigo de D. Gertrudes Gomes da Costa ⁶⁵; um pedestal, outrora rematado por uma cruz, que pretende representar uma ara estilizada, a qual assenta sobre quatro leões deitados ⁶⁶; o jazigo de António de Azevedo Vilarouco, em que destaca a bonita alegoria da Caridade ⁶⁷; o jazigo do Benfeitor da Misericórdia portuense, Manuel José de Sousa Araújo, rematado por uma cruz ⁶⁸.

Outras Oficinas

Num período em que se desenvolveu a arte do trabalho na pedra, erguendo-se obras destinadas a albergar os restos mortais dos portuenses, como sucedeu na segunda metade do século XIX e primeiras décadas da actual centúria, proliferaram as oficinas dedicadas, entre outros trabalhos, à edificação de construções funerárias.

Para além das oficinas mais importantes, atrás referidas com algum detalhe, outras existiram, às quais não queríamos deixar de fazer uma breve menção: A. Coelho de Sá, na Rua dos Lavadouros, nº 5, que também teve oficina na R. do Cativo, como se pode ler em epígrafe presente no jazigo da Família de Manuel dos Santos Cunha ⁶⁹; Queiroz & Costa, situada na Rua de S. Lázaro,

⁶⁴ Vd., por exemplo, a epígrafe presente no jazigo de Francisco José Cardoso, no Cemitério do Prado do Repouso. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 2, ficha nº 47.

⁶⁵ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 16ª Secção, Jazigo nº 455. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 1, ficha nº 21.

⁶⁶ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 37ª Secção, Jazigo nº 208. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 2, ficha nº 47.

⁶⁷ Pode ver a planta deste jazigo in A.H.M.P. - *Documentos Originaes Avulsos*, Lº 10 (1874 e 1875), Ano de 1875, doc. nº 22, fl. 110. Encontra-se localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 47ª Secção, Jazigo nº 310. Vd. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 2, ficha nº 63.

⁶⁸ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Secção Privativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto, Jazigo nº 4. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 3, ficha nº 85.

⁶⁹ Trata-se de um pedestal encimado pela alegoria da Saudade, encostada a uma urna, parcialmente coberta por uma mortalha. Encontra-se localizada no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 43ª Secção, Jazigo nº 319. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 2, ficha nº 53. A Coelho de Sá é igualmente responsável pelo jazigo de Inácio José Ferreira Alves, e de sua mulher, D. Emília Rosa Alves Costa, um pedestal com a alegoria da Fé (Vd. *ibidem*,

nº 109 a 111 ⁷⁰, e que se encontra presente, fundamentalmente, no Cemitério do Prado do Repouso ⁷¹; Felisberto Alves Baut, na Rua de Santo Ildefonso, nº 154 ⁷²; ou também Gomes & Moreira, na Rua do Almada, nº 466 ⁷³; Marques & Couto, no Largo Soares dos Reis ⁷⁴; Sociedade Cooperativa de Marmoristas, na Rua de Santa Catarina, nº 428, que executou o jazigo de António Domingos Viana ⁷⁵, com a sua estátua de corpo inteiro; Agostinho de Sousa, na Rua do Cemitério de Agramonte, responsável pela execução das Capelas das Famílias de José Lello ⁷⁶ e do Padre António Guimarães Dias de Azevedo Lobo ⁷⁷; a Industrial Marmorista, que levou a cabo a bonita Capela da Família de Lourenço Joaquim Carregosa, onde figuram duas carpideiras ⁷⁸; José Gomes & Castelo, na Rua dos Mártires da Liberdade, nº 140, que construiu a

tomo V, vol. 1, ficha nº 8), bem como pelo de José Carlos Marinho (1823-1912) e de sua mulher, um pedestal com uma urna, parcialmente coberta por um manto (Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 6, ficha nº 183).

⁷⁰ Como se pode ler numa epígrafe no jazigo de Joaquim Lavandeira, uma Capela de grande categoria de execução, em mármore, com uma rosácea no frontão, localizada no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 15ª Secção, Jazigo nº 1124 (Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 1, ficha nº 18).

⁷¹ São de autoria desta oficina os jazigos de Manuel José Ribeiro, um arco de onde pende um medalhão com o seu busto (Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 2, ficha nº 50; *CATÁLOGO: Arte*, nº 35) e o de Gabriel António de Carvalho, um caixão encimado por um vaso, em mármore (Vd. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 2, ficha nº 70).

⁷² Como se pode ler numa epígrafe no jazigo da Família Silva, uma coluna encimada por um busto. Localiza-se no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 24ª Secção, Jazigo nº 1007. É também da sua autoria o jazigo do actor António Dias Guilhermino. Para estes jazigos, vd. *ibidem*, tomo V, vol. 1, fichas n.º 24 e 26.

⁷³ Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 2, ficha nº 40. Trata-se da Capela da Família de Frederico Mudat Laad, cuja planta se pode observar in A.H.M.P. - *Plantas de Casas*, Lº 95, fl. 328. Fica situada no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 34ª Secção, Jazigo nº 418.

⁷⁴ Construiu o baldaquino de Joaquim Lopes Fernandes, que alberga os bustos do mesmo e o de sua mulher, tendo sido realizado em mármore. Localiza-se no Cemitério do Prado do Repouso, Secção Privativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto, Jazigo nº 90. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 3, ficha nº 96.

⁷⁵ Esta construção funerária fica situada no Cemitério de Agramonte, Secção Privativa da Ordem do Carmo, 11ª Secção, Jazigo nº 390. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 5, ficha nº 160.

⁷⁶ Com projecto do Arquitecto Leituga. Fica situada no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 28ª Secção, Jazigo nº 1695. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 4, ficha nº 133.

⁷⁷ Capela em granito de amplas dimensões, ao gosto neo-românico, localizada no Cemitério de Agramonte, Secção Privativa da Ordem Terceira de S. Francisco, 8ª Secção, Jazigo nº 246. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 6, ficha nº 185.

⁷⁸ Trata-se de uma obra datada de 1830. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 4, ficha nº 134; *CATÁLOGO: Arte*, nº 14.

extraordinariamente significativa, em termos de iconografia cemiterial, Capela da Família Ferreira ⁷⁹.

Com o fim do Cemitério Romântico, por volta das décadas de 1920 e 1930, na Cidade do Porto, sobretudo, no Cemitério de Agramonte, as oficinas que se dedicavam, entre outras obras, à construção de jazigos, perderam esse até aí vasto mercado, pois o ser e estar perante a morte foi condicionando edificações de cada vez menor expressão artística ⁸⁰.

2. Os Artistas nos Cemitérios Municipais portuenses

A morte como motivo iconográfico é fortemente inspirador para aqueles que trabalham a pedra, perpetuando o sentimento, a devoção, com por vezes pequenas inclinações, pequenos nadas, reveladores do agir e do pensar dos homens perante a morte ⁸¹.

Manifestação dos mais profundos sentimentos, a arte funerária, ao escolher o mármore, material nobre, na arquitectura e escultura, e, no Norte especialmente, também o granito, acaba por se transformar numa mancha cinza e branca de expressão enigmática.

A análise da arte cemiterial engloba uma necessidade de domínio da linguagem da morte, da temática cemiterial, numa postura em que até as mais pequenas representações transportam a obra para a mais significativa gramática do simbólico.

Escultores anónimos ou de nomeada, arquitectos menos conhecidos ou de mais nome, disseminaram pelos cemitérios municipais portuenses uma panóplia de obras com marca per-

⁷⁹ Localizada no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 20ª Secção, Jazigo nº 508. Vd. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 4, ficha nº 124.

⁸⁰ Sobre este assunto veja-se o nosso já referido trabalho *Ser e estar perante a morte*.

⁸¹ «Como Philipe(sic) Ariès tão sugestivamente designou, a morte é iconófila. Para além do discurso oral ou escrito que os homens lhe têm dedicado, essa 'herdeira da vidas'(sic), 'rainha dos prantos' e 'nunca ociosa', como dizia Gil Vicente, convoca as imagens, suscitou ao longo dos séculos iconografias que são espelho e sintoma de históricas atitudes sociais ou individuais perante o mistério do passamento. E assim se consignou, no cemitério ou no túmulo, o lugar de eleição para a transmissão póstuma dessas imagens, que demonstram uma ligação indissolúvel entre a morte e a cultura». Vd. CARVALHO, José Alberto Seabra (et al.) - *A necrópole romântica como Museu da Morte*. História, 1990 (124) p. 38.

sonalizada, digna de realce. Homens houve, portanto, que deixaram o seu nome ligado às construções funerárias, e que importa aqui recordar.

Se duas famílias em particular merecem o nosso destaque, ou seja, os Teixeira Lopes (José Joaquim, António, José e Manuel) e os Oliveira Ferreira (Francisco e José), outros nomes, como Anatole Calmels, Soares dos Reis, Charters d'Almeida, José Rodrigues, Alves Pinto, Soller, entre outros, contribuíram, igualmente, através dos seus trabalhos, para dar significado à expressão, que bem pode ser aplicada aos Cemitérios do Prado do Repouso e de Agramonte, de Museus da Morte ⁸².

José Joaquim Teixeira Lopes (1837-1918), escultor gaiense por adopção ⁸³, é marcado, nos inícios da sua vida artística, pela ligação que estabeleceu com António de Almeida Costa, homem que, como vimos atrás, esteve muitíssimo ligado à construção funerária portuense. Deste modo, não é de estranhar que os vejamos associados na edificação do mausoléu-pedestal do Dr. José Plácido Campiam, em que Teixeira Lopes executa a alegoria da Caridade, que encima o pedestal.

A seu filho, António Teixeira Lopes (1866-1942) se devem bastantes esculturas no Cemitério de Agramonte. Desde logo, há a referir as excelentes esculturas do jazigo de João Henrique Andresen ⁸⁴, com a representação do Comércio, da Fortuna e Na-

⁸² A expressão «Museu da Morte», aplicada aos cemitérios foi pela primeira vez, segundo pensamos, utilizada em Portugal pelo ilustre médico e professor da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, Dr. Francisco d'Assis de Sousa Vaz: «As artes achão também no estabelecimento assim concebido hum contínuo alimento perpetuado pelas familias, que desejão eternizar a memoria de seus parentes com monumentos indeleveis. — Diferentes materiaes serão empregados na sua construção; e os artistas mais habéis chamados para os ornar e enriquecer com seus talentos e invenções. — O desejo de distincção, tão natural á natureza humana, insinuando em todas as suas instituições huma pobre emulação, não deixará de estabelecer-se; e as familias abastadas, desejando incessantemente exceder-se humas ás outras, contribuirão para que se veião elevar no Muséo da morte monumentos, que se tornarão para as gerações futuras modelos e objectos de comparação. — Os artistas rivalizando nos seus trabalhos, concorrerão para fazer imprimir nas artes progressos espantosos; e Portugal em pouco tempo possuirá hum novo genero de gloria capaz de hobrear com as de mais nações». Vd. VAZ, Francisco d'Assis de Sousa - *Memoria sobre a inconveniencia dos enterros nas igrejas e utilidade da construcção de cemiterios*. Porto: Imprensa de Gandra e Filhos, 1835, p. 38.

⁸³ Vd. LAPA - *Teixeira Lopes (Pai)*, p. 346.

⁸⁴ Situado na Zona de Administração Municipal, 40ª Secção, Jazigo nº 580. Vd. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 4, ficha nº 136; *CATÁLOGO: Arte*, n.º 10 e 11. Estas escul-

vegação, invocando na última morada deste negociante do burgo portuense as actividades por ele desenvolvidas em vida. Extraordinariamente forte de sentimento se mostra a expressão que brota do busto, em bronze e mármore, da célebre actriz Emília Eduarda de Sousa ⁸⁵, que contrasta com a inocência dos dois meninos, em bronze, que se dispõem em atitude dormente, os quais o fumo das velas tem deteriorado, situação para a qual se regista aqui um alerta. Também o jazigo instituído por Eduardo Andrade Vilares ⁸⁶, e vulgarmente conhecido como pertencente à família Santos Dumont ⁸⁷, se apresenta como obra deste excelente Escultor. Nele, uma coluna coroada por Cristo na Cruz, tendo aos seus pés Nossa Senhora e São João, representando o Calvário. A coluna, decorada no fuste por uma grinalda de flores que a percorre desde a base até ao capitel, remata em lanço de quatro escadas, onde se encontra, jacente, uma escultura feminina plena de exaltação, num clímax de sofrimento, tradutor de um Romantismo que perdura ainda; a estátua da Caridade, de avultadas dimensões, no jazigo de família de José Caetano de Carvalho ⁸⁸, de grande efeito cénico, hoje em bronze, dado que o original, em mármore, foi retirado, em 1981, para a Casa-Museu Teixeira Lopes ⁸⁹.

José Teixeira Lopes ⁹⁰, respectivamente, filho e irmão dos antecedentes, «Arquitecto e Constructor» ⁹¹ com oficina em Vila

turas são datáveis de 1896, segundo podemos ler em A. Teixeira LOPES - *Ao correr da pena: Memórias de uma vida*. Gaia: Câmara Municipal de Gaia, 1968, p. 709.

⁸⁵ Localizado no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 25ª Secção, Jazigo nº 577. Vd. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 4, ficha nº 131; COUTO, Júlio - *Monografia de Massarelos*. [S.l.:] Junta de Freguesia de Massarelos, 1993, p. 329.

⁸⁶ A compra do terreno data de 17 de Janeiro de 1903. Vd. ARQUIVO CORRENTE DO CEMITÉRIO DE AGRAMONTE (A.C.C.A.) - *Jazigos*, Lº 3 (n.ºs 599 a 898), nº 771.

⁸⁷ Localiza-se no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 2ª Secção, Jazigo nº 771. Vd. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 4, ficha nº 104; *CATÁLOGO: Arte*, nº 46.

⁸⁸ Situado no Cemitério de Agramonte, Secção Privativa da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, 3ª Secção, Jazigo nº 23. Vd. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 6, ficha nº 173.

⁸⁹ Cf. *CATÁLOGO: Arte*, nº 22.

⁹⁰ Sobre José Teixeira Lopes, vd. PAMPLONA - *Dicionário*, vol. 5, p. 282; LOPES - *Ao correr da pena*, p. 132-133, 328-330; SOUSA VITERBO - *Dicionário histórico dos arquitectos, engenheiros e construtores portugueses*. 2ª ed. Vol. 3. [S.l.:] Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1988, p. 421.

⁹¹ Como está expresso numa epígrafe presente na Capela de Julião Freitas Guimarães, no Cemitério do Prado do Repouso (vd. nota 93).

Nova de Gaia, como se pode ler numa epígrafe de uma das obras que levou a cabo, executaria algumas capelas com interesse, de pendor eclético. Duas delas aproximam-se, nitidamente, entre si: é o caso das Capelas de Domingos da Silva Baltasar (1812/1904) ⁹² e de Julião Freitas Guimarães ⁹³. Em ambas, edificou-se uma capela com duas torres sineiras, sendo o frontão rematado em cruz, e no qual se inscreve, em relevo, a figura de Cristo, em busto, e com os braços abertos. O portal define um arco agudo, encimado por outro arco cego de igual feição, sustentado por mísulas com cabeças de anjos. José Teixeira Lopes foi igualmente responsável pelos jazigos da actriz Emília Eduarda de Sousa e de Eduardo Andrade Vilares, no Cemitério de Agramonte, e pela Capela da Família Silva Sousa ⁹⁴, no Cemitério do Prado do Repouso.

O escultor Manuel Ventura Teixeira Lopes ⁹⁵ assina uma escultura representando uma águia, no jazigo de Adelino Lopes Teixeira ⁹⁶, onde se pode observar uma profunda influência maçónica ⁹⁷.

Outra família ligada à construção funerária foi a dos Oliveira Ferreira. O arquitecto Francisco de Oliveira Ferreira (1885/1957) e seu irmão, José de Oliveira Ferreira (1883/1942), escultor, trabalharam conjuntamente na prossecução de vários jazigos e as famílias importantes, sobretudo na década de 1930, a eles recorreram, em certa medida, com alguma frequência.

⁹² Situado no Cemitério de Agramonte, Secção Privativa da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, 19ª Secção, Jazigo nº 529. Vd. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 5, ficha nº 162.

⁹³ Situado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 35ª Secção, Jazigo nº 1435. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 2, ficha nº 41.

⁹⁴ Cf. PASSOS, Carlos de - *Guia histórica e artística do Porto*. Porto: Casa Editora de A. Figueirinhas, Lda., 1935, p. 302.

⁹⁵ Vd. PAMPLONA - *Dicionário*, vol. 5, p. 283.

⁹⁶ Situado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 30ª Secção, Jazigo nº 2131. Vd. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 1, ficha nº 33. Este terreno foi comprado por Adelino Lopes Teixeira, industrial, em 20 de Outubro de 1926 e aí jaz, igualmente, Jerónimo Abrantes Jorge. Cf. A.C.C.P.R. - *Jazigos*, Lº 8 (n.ºs 2109 a 2408), nº 2131.

⁹⁷ Outro jazigo onde tais influências se fazem sentir é o de Sebastião Moreira Sampaio [o terreno foi comprado em 23.11.1892; cf. A.C.C.A. - *Jazigos*, Lº 3 (n.ºs 599 a 898), nº 646]. Está situado no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 19ª Secção, Jazigo nº 646. Vd. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 4, ficha nº 123.

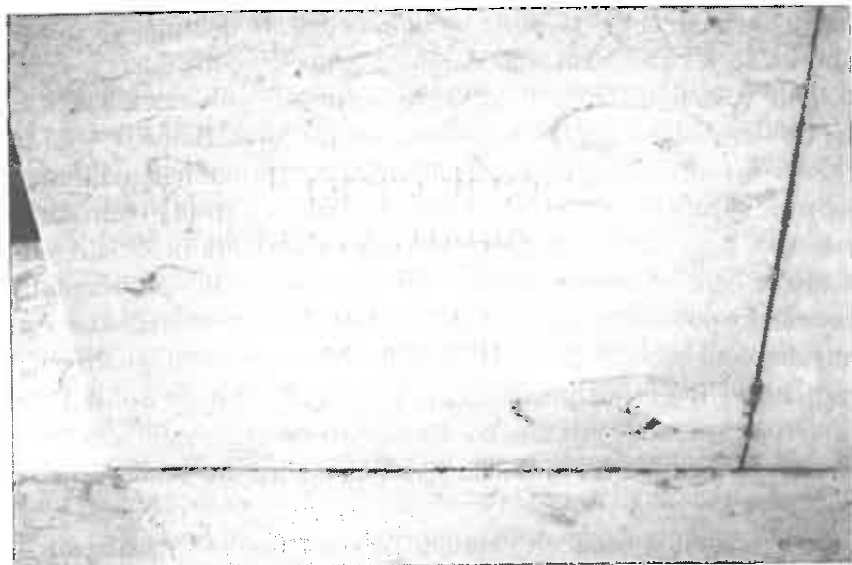


Fig. 5 - Epígrafe na construção funerária da Família Ramos Pinto (Cemitério de Agramonte), indicando a intervenção de José e Francisco de Oliveira Ferreira.

Com Francisco de Oliveira Ferreira, notável arquitecto⁹⁸, estabelecendo o risco para o jazigo, e com o escultor José de Oliveira Ferreira⁹⁹ executando os elementos escultóricos, neles encontramos uma sábia conjugação que nos permite prolongar a ideia de Cemitério Romântico no Porto durante a década de 1930. São da sua autoria conjunta o jazigo dos banqueiros portuenses Ferreira Alves, na Secção Privativa da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, no Cemitério de Agramonte, com dois anjos em bronze em que um deles segura um lampião¹⁰⁰; a Capela de Manuel Ferreira Domingues, na mesma Secção Privativa, com um anjo soprando, datado de 1917¹⁰¹; deve-se a José de Oliveira Ferreira, o grupo escultórico formado por um anjo conduzindo uma criança,

⁹⁸ Autor do projecto da Clínica Heliântea, em Francelos, da Ourivesaria Cunha, na R. do Loureiro (Porto), da Casa Inglesa (esquina da R. Passos Manuel com a R. de Santa Catarina), entre outros. Vd. ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel - *História da Arte em Portugal: A arquitectura moderna*. Vol. 14. Lisboa: Publicações Alfa, 1986, p. 70-71.

⁹⁹ Sobre o Escultor José de Oliveira Ferreira, vd. PAMPLONA - *Dicionário*, vol. 4, p. 243-244; IDEM - *Um século*, p. 260-261.

¹⁰⁰ Cf. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 5, ficha nº 158; *CATÁLOGO: Arte*, nº 36.

¹⁰¹ Situa-se na 16ª Secção, Jazigo nº 646. Vd. *ibidem*, nº 16.

no jazigo de Henrique Augusto Rodrigues¹⁰²; a Francisco de Oliveira Ferreira (entre outros) devemos a Capela do rico industrial Delfim Ferreira¹⁰³, um monumento funerário rico em ornamentação, pujante na atitude social que lhe subjaz, e ao qual poderá ter estado ligado, enquanto escultor, José de Oliveira Ferreira¹⁰⁴.

O escultor António Soares dos Reis também produziu algumas esculturas para o Cemitério de Agramonte: a celebrada estátua de corpo inteiro do Conde de Ferreira¹⁰⁵, Joaquim Ferreira dos Santos, cujo original foi retirado para o Museu Nacional de Soares dos Reis em 1943¹⁰⁶; o busto de Francisco de Almada e Mendonça, em bronze, datado de 1883¹⁰⁷; as alegorias da Saudade, Comércio e Indústria do jazigo de Francisco Antunes de Brito Carneiro¹⁰⁸; que possui o risco de Tomás Augusto Soller¹⁰⁹; o bronze «Saudade», cujo modelo foi executado na década de 1870, presente no jazigo de Joaquim Augusto de Araújo e Castro¹¹⁰.

Outros escultores marcam, com as suas obras, a Arte nos Cemitérios Municipais portuenses: Charters d'Almeida¹¹¹ criou, em 1968, a «Vitória», presente no jazigo do Futebol Clube do Porto¹¹²;

¹⁰² Vd. *ibidem*, nº 37; SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 4, ficha nº 128.

¹⁰³ Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 2, ficha nº 44.

¹⁰⁴ Hipótese levantada in *CATÁLOGO: Arte*, nº 15.

¹⁰⁵ Título concedido em 6 de Agosto de 1850 pela Rainha D. Maria II. Vd. *NOBREZA de Portugal*, vol. 2, p. 588.

¹⁰⁶ Vd. *CATÁLOGO: Arte*, nº 12. Localiza-se no Cemitério de Agramonte, Secção Privativa da Ordem Terceira da Santíssima Trindade, Secção G, Jazigo nº 29. Cf. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo VI, vol. único, ficha nº 27.

¹⁰⁷ Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 1, ficha nº 1; *CATÁLOGO: Arte*, nº 2; D. Gonçalo de Vasconcelos e SOUSA - *A transferência dos restos mortais de Francisco de Almada e Mendonça para o Cemitério do Prado do Repouso*. O Tripeiro. 1994, 13 (6), p. 8 (Separata). Fica situado no Cemitério do Prado do Repouso, em frente à Capela de S. Vitor.

¹⁰⁸ Situado no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 1ª Secção, Jazigo nº 121. Vd. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 4, ficha nº 101; *CATÁLOGO: Arte*, nº 23-25.

¹⁰⁹ Como o próprio assinou no risco que executou para o jazigo em causa, que se pode observar em A.H.M.P. - *Plantas de Casas*, Lº 74, fl. 140. Esta planta, cujo requerimento data de 30.06.1880 (fl. 139), foi aprovada em 1.07.1880 (fl. 140).

¹¹⁰ Vd. *CATÁLOGO: Arte*, nº 28.

¹¹¹ Sobre D. João Charters de Almeida e Silva, 3º Conde de Oliveira dos Arcos e 4º Conde da Baía, vd. PAMPLONA - *Dicionário*, vol. 1, p. 50; D. Gonçalo de Vasconcelos e SOUSA - *Diálogos com o escultor Gustavo Bastos: da vida e da obra*. Museu. 1994 (2) p. 113.

¹¹² Localizado no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 41ª Secção, Jazigo nº 2687. Cf. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 4, ficha nº 138.

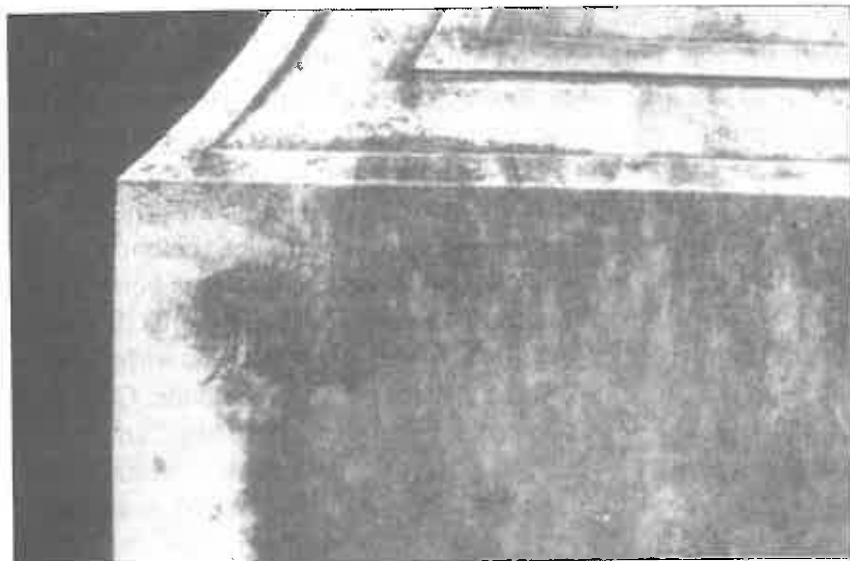


Fig. 6 - Assinatura epigráfica do Escultor António Alves Pinto, no jazigo de João Henrique Andresen (Cemitério de Agramonte).

Anatole Calmels ¹¹³ é o autor do busto de Francisco Eduardo da Costa ¹¹⁴, que coroa o seu interessantíssimo monumento funerário, no Prado do Repouso ¹¹⁵; José Rodrigues ¹¹⁶ modelou o relevo presente no jazigo, extremamente simples e bonito, de António Lobão Vital ¹¹⁷, com elementos fitomórficos; a bonita escultura, datada de 1903, no jazigo de João Henrique Andresen (1861-1900) ¹¹⁸,

¹¹³ Sobre o Escultor Anatole Calmels, vd., entre outros, PAMPLONA - *Dicionário*, vol. 2, p. 17-18; IDEM - *Um século*, p. 203-204, 206, 213; LOPES - *Ao correr da pena*, p. 159, 396-408.

¹¹⁴ Francisco Eduardo da Costa (1818-1855), notável músico, foi Cavaleiro da Ordem de Cristo e membro do Conservatório Real de Lisboa. Sobre este músico oitocentista, vd. ROCHA, Hugo - *Francisco Eduardo da Costa*. O Tripeiro, 1948, 3 (10), p. 221-226; SILVEIRA, Joaquim - *Francisco Eduardo*. O Tripeiro, 1908, 1 (18) p. 275, 277.

¹¹⁵ Situado na Zona de Administração Municipal, 42ª Secção, Jazigo nº 27. Trata-se de um pedestal em forma de órgão de tubos, rematado por um plinto coroado pelo busto do músico, em mármore. As partes laterais são ornamentadas por tubos e, na parte frontal, estão representadas as teclas do órgão, encimadas por um caderno musical envolto por uma coroa de louros. A construção é rodeada por uma grade, cantonada por pequenas urnas com mortalha. Vd. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 2, ficha nº 49.

¹¹⁶ Sobre José Rodrigues, vd. PAMPLONA - *Dicionário*, vol. 5, p. 84-85.

¹¹⁷ Localizado no Cemitério do Prado do Repouso, Zona de Administração Municipal, 62ª Secção, Jazigo s/nº. Vd. SOUSA - *Cemitérios portuenses*, tomo V, vol. 3, ficha nº 81.

¹¹⁸ Localizado no Cemitério de Agramonte, Zona de Administração Municipal, 40ª Secção, Jazigo nº 688. Vd. *ibidem*, tomo V, vol. 4, ficha nº 137.

da autoria de António Alves Pinto ¹¹⁹, em que surge o busto do jacente, esculpido sobre uma ara, sobre a qual se debruça uma mulher em atitude de amargura.

II. O monumento funerário do Dr. José Plácido Campiam

A Secção Privativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto, situada no Cemitério do Prado do Repouso, atrai o olhar de quem entra no mesmo Cemitério pelo Portão Norte em face do grandioso pórtico da entrada, da autoria ¹²⁰ do Arquitecto portuense Joaquim da Costa Sampaio Lima ¹²¹.

No interior desta Secção Privativa salientam-se, fundamentalmente, duas construções: a Capela da Secção, cujo risco se deve ao Arquitecto Tomás Augusto Soller ¹²², e a construção funerária invocativa da memória do Dr. Campiam.

Personagem destacada do Porto oitocentista, José Plácido Campiam nasceu na mesma cidade, em 5 de Outubro de 1801 ¹²³. Tendo cursado Cânones na Universidade de Coimbra ¹²⁴, acu-

¹¹⁹ Sobre António Alves Pinto, vd. PAMPLONA - *Dicionário*, vol. 1, p. 84; IDEM - *Um século de pintura*, p. 235.

¹²⁰ Cf. a Acta da Sessão da Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto, de 1 de Julho de 1863, em que se resolveu «que se agradecesse ao mesmo Architecto o interesse que tomou neste importante trabalho, e que costuma ter por tudo que respeita a esta Santa Casa». ARQUIVO HISTÓRICO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO (A.H.S.C.M.P.) - *Actas das Sessões*, Lº 10 (1862 a 1867), fl. 23.

¹²¹ Sobre Joaquim da Costa Lima Júnior, importantíssimo e esquecido arquitecto do Porto do século XIX, cf. SOUSA VITERBO - *Dicionário histórico e documental*, vol. 3, p. 277; VITORINO, Pedro - *Engenheiros e arquitectos, desenhadores de antigas Plantas do Pôrto*. Boletim Cultural. Câmara Municipal do Porto, 3, p. 141-146. Há uma grande confusão entre Joaquim da Costa Lima Júnior e Joaquim da Costa Sampaio Lima, que são a mesma pessoa, e o tio Joaquim da Costa Lima Sampaio. Agradeço estas informações a Alberto Tavares Barreto, descendente do Arquitecto.

¹²² Para a planta desta Capela, Tomás Augusto Soller apresentou dois planos em 9 de Junho de 1870 [A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, Lº 12 (1870 a 1872), fl. 8 v.], mas apenas em 5 de Março de 1873 foi aprovada a planta para a mesma capela [*ibidem*, Lº 13 (de 10 de Junho de 1872 a 5 de Março de 1874), fl. 74 v. e 76].

¹²³ *Ibidem*, Lº 14 (de 12 de Março de 1874 a 27 de Janeiro de 1876), f. 36v.

¹²⁴ Vd. A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, Lº 14 (de 12 de Março de 1874 a 27 de Janeiro de 1876), f. 36 v. (Cf. Apêndice Documental, doc. nº 17).

mulou grande fortuna, a qual legou à Santa Casa da Misericórdia do Porto, atingindo valores muito elevados ¹²⁵, que destinou aos «milhares d'infelizes, que, diariamente, se acolhem aos muros hospitaleiros do seu grande Hospital de Santo Antonio» ¹²⁶. Morreu em Vila Nova de Gaia aos 27 de Fevereiro de 1872 ¹²⁷.

Dadas as avultadas somas legadas à referida Santa Casa, a sua Mesa decidiu mandar erguer uma construção digna deste seu «grandioso Bemfeitor» ¹²⁸. Para tal foi nomeada uma Comissão, composta pelos Irmãos Conselheiros Azevedo e Couto, Dias Guimarães e Espírito Santo Magalhães ¹²⁹.

Tendo sido aberto concurso para a realização da obra, cujo prazo terminava a 30 de Abril de 1872 ¹³⁰, apenas dois armadores haviam apresentado as suas propostas ¹³¹. Na sessão de 2 de Maio do mesmo ano, foram abertas as seguintes propostas: a de Manuel Vieira Borges, orçada na quantia de 180\$00 rs. ¹³² e a de José da Silva, que não fornecia a quantia alegando confiar «tanto nas qualidades dos membros da Mesa que, qualquer quantia que lhe arbitrassem a ella se sujeitava» ¹³³. É evidente que a Mesa não aceitou estas condições do segundo proponente, ordenando a indagação do preço para a execução do seu projecto. A quantia fixada por José da Silva foi 300\$00 rs. ¹³⁴.

Apesar de considerarem que, embora «a proposta do armador Manoel Vieira Borges, pareça mais vantajosa, olhada pelo lado economico, com tudo, como é muito mais imponente, aparatoso e de melhor effeito o risco do armador José da Silva» ¹³⁵ a Mesa

¹²⁵ São inúmeras as referências à importância deste Bemfeitor em termos da fortuna que legou à Misericórdia, denominando-o «grandioso Bemfeitor», «grande Bemfeitor», «primeiro Bemfeitor desta Santa Casa», «maior Bemfeitor desta Santa Casa», «insigne Bemfeitor».

¹²⁶ Cf. A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, Lº 13 (de 10 de Julho de 1872 a 5 de Março de 1874), fl. 141 (Cf. Apêndice Documental, doc. nº 12).

¹²⁷ Vd. *ibidem*, Lº 14, f. 36 v.

¹²⁸ A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, Lº 12 (1870 a 1872), fl. 166 (Cf. Apêndice Documental, doc. nº 2).

¹²⁹ Vd. *ibidem*, fl. 166 v. (cf. Apêndice Documental, doc. nº 2).

¹³⁰ Vd. *ibidem*, fl. 176 (cf. Apêndice Documental, doc. nº 3).

¹³¹ Vd. *ibidem*, fl. 176 (cf. Apêndice Documental, doc. nº 3).

¹³² Vd. *ibidem* (cf. Apêndice Documental, doc. nº 3).

¹³³ Vd. *ibidem* (cf. Apêndice Documental, doc. nº 3).

¹³⁴ Vd. *ibidem* fl. 176 v. (cf. Apêndice Documental, doc. nº 3).

¹³⁵ Vd. *ibidem* (cf. Apêndice Documental, doc. nº 3).

resolveu escolhê-lo, em detrimento da primeira. Invoca-se a necessidade de homenagear, com fausto, «o primeiro Bemfeitor desta Santa Casa» ¹³⁶, mas a decisão não foi bem acolhida por vários Irmãos Conselheiros, que acentuaram o seu protesto, «querendo que a maneira como votavam fosse declarada na Acta» ¹³⁷.

No entanto, esta decisão acabaria por ser anulada, pois, na Sessão de 5 de Fevereiro de 1873, José Joaquim Teixeira Lopes vem solicitar a possibilidade de apresentar um projecto para a execução da obra ¹³⁸. Também António de Almeida Costa («canteiro nesta Cidade» ¹³⁹) solicita que a mesma Mesa da Santa Casa volte a abrir concurso para a realização da construção funerária do Dr. Campiam ¹⁴⁰.

Na Sessão de 12 de Fevereiro desse ano, foram apresentados dois riscos pela firma «António d'Almeida Costa & Cª», sendo um do Escultor José Joaquim Teixeira Lopes ¹⁴¹ e o outro de António de Almeida Costa; também aí foi presente um risco, da autoria do Escultor António Soares dos Reis ¹⁴². A Mesa, dada a complexidade da escolha, convidou o Fiscal de Obras, Eduardo Augusto Leça, e o Engenheiro Falcão a darem o seu parecer sobre o projecto, para que, posteriormente, aquela pudesse escolher ¹⁴³.

Longe estava ainda, no entanto, a decisão final. Na sessão da Mesa de 19 de Fevereiro, o Engenheiro Falcão propõe a sua ideia para o monumento: um pedestal encimado por uma estátua figurativa humana, em que o Dr. Campiam surgisse vestido como Irmão da Santa Casa, afirmando que «não podia deixar de lemitar o concurso, tratando-se de portuguezes, a Victor Basto — e Soares dos Reis» ¹⁴⁴. No monumento, ainda segundo a sua opinião, deveriam figurar dois baixos relevos alusivos ao Hospital Real

¹³⁶ Vd. *ibidem* (cf. Apêndice Documental, doc. nº 3).

¹³⁷ Vd. *ibidem*, fl. 176 v. e 177 (cf. Apêndice Documental, doc. nº 3).

¹³⁸ Vd. *ibidem*, Lº 13 (de 10 de Julho de 1872 a 5 de Março de 1874), fl. 63 (cf. Apêndice Documental, doc. nº 5).

¹³⁹ Vd. *ibidem* (cf. Apêndice Documental, doc. nº 5).

¹⁴⁰ «vinha, por isso, pedir que a Mesa mandasse abrir concurso para a adjudicação do dito monumento». Vd. *ibidem*, fl. 63. (Cf. Apêndice Documental, doc. nº 6).

¹⁴¹ Vd. *ibidem*, fl. 68 v. (cf. Apêndice Documental, doc. nº 6).

¹⁴² Vd. *ibidem*, fl. 68v.-69 (cf. Apêndice Documental, doc. nº 6).

¹⁴³ Vd. *ibidem*, fl. 69 (cf. Apêndice Documental, doc. nº 6).

¹⁴⁴ Vd. *ibidem*, fl. 71 v. (cf. Apêndice Documental, doc. nº 7).

de Santo António ¹⁴⁵. O desenhador Leça ficava de apresentar um risco segundo «*o esboço apresentado pelo Engenheiro Falção*» ¹⁴⁶ e, em 28 de Maio de 1873, foi constituída uma Comissão composta pelos Irmãos Conselheiros Ferreira de Oliveira e Passos, com o fim de escutarem os pareceres dos Lentes da Academia de Belas Artes do Porto ¹⁴⁷.

Em 21 de Agosto de 1873, decidiu finalmente a Mesa da Santa Casa escolher o risco contendo a alegoria da Caridade, na qual introduziu «*uma pequena modificação, que consiste apenas na mudança da criança que amamenta o peito para o colo simplesmente*» ¹⁴⁸.

Meses mais tarde, em 2 de Outubro de 1873, é exposta na Mesa a proposta da firma «Almeida Costa & C^a», datada de 28 de Setembro ¹⁴⁹, para a construção funerária do Dr. Campiam:

a) Construção em «*bom marmore branco portuguez*» ¹⁵⁰, assente sobre uma sapata realizada em granito, sendo igualmente em granito os alicerces da mesma edificação ¹⁵¹;

b) No primeiro pedestal será reservado um local para albergar o caixão do Dr. José Plácido Campiam ¹⁵²;

c) No segundo pedestal será colocado o busto do Benfeitor, realizado «*em marmore de Carrara de segunda qualidade*» ¹⁵³;

d) A rematar o pedestal, encontrar-se-ia uma estátua esculpida, numa só pedra de mármore de Carrara de segunda qualidade, com a representação escultórica da alegoria da Caridade ¹⁵⁴;

e) A obra final respeitaria os modelos em gesso apresentados pela mesma figura ¹⁵⁵.

¹⁴⁵ Vd. *ibidem*, fl. 71 (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 7).

¹⁴⁶ Vd. *ibidem*, fl. 71-71v. (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 7).

¹⁴⁷ Vd. *ibidem*, fl. 111 v. (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 10).

¹⁴⁸ Vd. *ibidem*, fl. 141 (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 12).

¹⁴⁹ Vd. *ibidem*, fl. 155 (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 13).

¹⁵⁰ Vd. *ibidem*, fl. 154 v. (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 13).

¹⁵¹ Vd. *ibidem*, fl. 154v.-155 (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 13).

¹⁵² Vd. *ibidem*, fl. 155 (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 13).

¹⁵³ Vd. *ibidem* (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 13).

¹⁵⁴ Vd. *ibidem* (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 13).

¹⁵⁵ Vd. *ibidem* (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 13).



Fig. 7 - Jazigo do Dr. José Plácido Campiam (Prado do Repouso, Secção da Misericórdia, Jazigo n.º 9).



Fig. 8 - Pormenor da alegoria da Caridade, de José Joaquim Teixeira Lopes, no jazigo do Dr. Campiam.



Fig. 9 - Busto em relevo do Dr. Campiam.



Fig. 10 - Retrato do Dr. José Plácido Campiam, no Salão Nobre do Hospital de Santo António.

O preço desta construção seria, mais tarde, em 9 de Outubro de 1873, fixado em 3:900\$00¹⁵⁶, uma quantia muito elevada para a época. Após o acordo entre ambas as partes, haveria agora que determinar o local da edificação, e só em 5 de Fevereiro de 1874 se estipulou que seria «*colocado no primeiro quarteirão do lado esquerdo da rua principal, tendo uma rua direita ao dito monumento lageada ou a mosaico toda cercada de pilares de pedra ligados com cadêas, devendo considerar-se esta rua como pertença do mesmo mausoleo*»¹⁵⁷.

Nas preocupações dos membros da Mesa coube ainda a epígrafe a esculpir no mausoléu desta personagem, tendo o Irmão Conselheiro Pais sido encarregado de dar o seu parecer sobre tão ponderoso assunto¹⁵⁸. Mais tarde, e atendendo à necessidade de versar, nas epígrafes funerárias, os actos de benemerência do insigne Dr. Campiam¹⁵⁹, Henrique Carlos de Miranda, em concordância com alguns antigos Provedores da Santa Casa¹⁶⁰, com o Dr. Salles e com Luís José Ferreira Pais¹⁶¹, estabeleceu os diversos campos epigráficos e os textos a neles serem gravados¹⁶². Foram igualmente determinados os versículos bíblicos a esculpir nas três faces do monumento funerário.

Ainda hoje este jazigo se ergue, aos olhos de quem entra na Secção Privativa da Misericórdia portuense, pleno de sentido, lembrando, na nudez da pedra, a memória desta personagem oitocentista que foi o Dr. José Plácido Campiam.

D. GONÇALO DE VASCONCELOS E SOUSA *

¹⁵⁶ Vd. *ibidem*, fl. 157 (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 14).

¹⁵⁷ Vd. *ibidem*, fl. 187 (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 15).

¹⁵⁸ Vd. A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, L.º 14 (de 12 de Março de 1874 a 27 de Janeiro de 1876), f. 21-21v. (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 16).

¹⁵⁹ Vd. *ibidem*, fl. 36 (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 17).

¹⁶⁰ Trata-se dos Drs. Cirne, Moutinho e Rodrigues de Oliveira (vd. FREITAS, Eugénio A. da Cunha e; MENDES, António Lopes - *Provedores e escrivães da Santa Casa da Misericórdia do Porto*. Porto [s.n.], 1990, p. 35). Vd. A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, L.º 14 (de 12 de Março de 1874 a 27 de Janeiro de 1876), f. 36 (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 17).

¹⁶¹ Vd. *ibidem*, fl. 36 (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 17).

¹⁶² Vd. *ibidem*, fl. 36v.-37 (cf. Apêndice Documental, doc. n.º 17).

¹⁶³ Vd. *ibidem*, fl. 42-42v. Trata-se de textos extraídos do Evangelho de S. Lucas, de Tobias e do Livro dos Provérbios.

* Investigador. Mestrando em História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Apêndice documental *

Documento n.º 1

1872, Abril, 4 - [Porto].

É apresentada à Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto a intenção de Manuel Vieira Borges executar as solenes exéquias do Dr. José Plácido Campiam, tendo a mesma Mesa declarado ir abrir concurso público para esse mesmo efeito, e que não se esquecesse de avisar o armador Silva.

A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, L.º 12 (1870 a 1872), f. 162 e 164.

«Sessão em 4 d'Abril de 1872

(...) [164] (...)

Em seguida, foi presente á Mesa um officio acompanhando uma exposição do armador Manoel Vieira Borges, dizendo que, lhe constava se hiam fazer solennes exequias por alma do iminente Bemfeitor José Plácido Campiam, para o que elle offerencia a executa-las por um preço altamente diminuto, bem como todas as outras armações da Casa.

Tendo sobre esta exposição havido discussão, e depois de dadas todas as explicações pelo Irmão Conselheiro Mordomo da Igreja, deliberou a Mesa que, se fizesse um annuncio para serem admittidos os differentes artistas que apresentassem os seus riscos acompanhados dos respectivos orçamentos dirigidos á Mesa em carta fechada para ella escolher o que julgar melhor; não devendo esquecer o armador Silva que até hoje tem servido a Casa e de quem não ha a menor razão de queixa.»

Documento n.º 2

1872, Abril, 11 - [Porto].

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto aprova a construção do mausoléu do Dr. José Plácido Campiam, a levar a cabo na secção privativa da Santa Casa da Misericórdia do Porto no Cemitério do Prado de Repouso, nomeando uma Comissão que apresentasse à mesma Mesa os riscos para a sua edificação.

A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, L.º 12 (1870 a 1872), f. 166 e 166 v.

«Sessão em 11 d'Abril de 1872

(...)

* Face às regras de transcrição paleográfica, procedemos à sua aplicação nos seguintes termos: desdobrámos as abreviaturas quando necessário à compreensão do texto, actualizando, nesses casos a ortografia da palavra desdobrada; actualizámos o emprego de maiúsculas e minúsculas; alguma situação digna de merecer algum reparo levou-nos à abertura de uma nota final; uma dúvida de leitura encontra-se seguida de (?); os números dos distintos fólhos surgem dentro de parêntesis rectos.

Em seguida ponderei á Mesa que, tendo ella ja decidido construisse um mausoleo no nosso Cemiterio do Prado do Repouso do grandioso Bemfeitor d'esta Santa Casa o Doutor José Plácido Campiam; e, sendo o tempo [166v.] de se cuidar da sua construcção para que não ficasse demorado por muito tempo, e ainda que não fosse possivel concluir-se nesta Administração ja se devia deixar adiantado; e, por isso, entendia se devia tratar deste objecto sem perda de tempo: tendo a Mesa approvado esta idéa, decidio que, se nomeasse uma Commissão para escolher de entre os riscos que se apresentarem aquelle que julgasse melhor e mais appropriado e em tudo digno do grande Bemfeitor da Santa Casa; devendo a mesma Commissão apresentar esses riscos á approvação da Mesa; e, bem assim devendo ser encarregada de tractar com os differentes artistas que se encarregarem da execução do risco, vindo depois á Mesa indicar qual dos mestres apresenta mais garantias e qual está mais nas circumstancias de o executar e cumprir com as suas obrigações e cumprir com o ajustado; devendo a Commissão tambem elaborar o projecto de contracto. Passando-se a escolher a Commissão, ficou ella composta dos Irmãos Conselheiros Espirito Santo Magalhães — Azevedo e Couto — e Dias Guimarães.»

Documento nº 3

1872, Maio, 2 - [Porto].

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto decide adjudicar ao armador José da Silva a construcção do mausoléu a edificar em memória do Dr. José Plácido Campiam.

A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, Lº 12 (1870 a 1872), f. 174, 175v., 176, 176v. e 177.

«Sessão em 2 de Maio de 1872
(...) [175v.] (...)

Em seguida, expuz á Mesa que, em conformidade com o que se tinha [176] assentado e mesmo annuciado tinha findado o praso para o concurso dos armadores no dia 30 d' Abril proximo passado, tendo durante o praso concorrido só os dous armadores no dia 30 tinham apresentado os seus riscos que neste acto se achavam presentes fechados e lacrados e bem assim as suas propostas tambem dirigidas á Mesa em carta fechada, e que neste acto tambem estavam presentes; tendo a Mesa resolvido que, era agora a occasião aduquada de se verem os riscos e as suas propostas, foram primeiro abertos e examinados os riscos d'um e outro concorrente; e, depois de examinados foram abertas as cartas que continham as propostas, sendo a de Manoel Vieira Borges, de que executaria a armação em conformidade com o risco por elle apresentado pela quantia de 180\$000 rs. e a do armador José da Silva, que não fixava quantia alguma a execução do seu risco, mas confiava tanto nas qualidades dos membros da Mesa que, qualquer quantia que lhe arbitrassem a ella se sugitava. Como a Mesa não quizesse decidir a quem adjudicaria a armação sem que este concorrente

fixasse positivamente qual o preço por que executaria a armação, mandou a Mesa pelo primeiro official da Secretaria participar-lhe que se tornava necessario que elle fixasse um preço á execução do seu risco, e isto acto continuo, por isso que a Mesa se conservava em sessão até receber a sua resposta. [176v.]

Tendo medeado algum tempo e tendo-se recebido a resposta do mesmo armador José da Silva de que o preço porque executava o seu risco era de Rs. 300\$000, passou a Mesa a examinar qual dos dous riscos mais lhe agradava e mesmo qual convinha adoptar, ponderando e tendo em vista por essa occasião, para a decisão na preferencia, não só do risco como o preço da execução; a Mesa considerando que, com quanto a proposta do armador Manoel Vieira Borges, pareça mais vantajosa, olhada pelo lado economico, com tudo, como é muito mais imponente, aparatoso e de melhor effeito o risco do armador José da Silva; — considerando que é para commurar (sic) o primeiro Bemfeitor desta Santa Casa, tão grandioso e tal ordem, para quem todas as demonstrações parecem ser pequenas e apoucadas, e que escolher um risco, embora mais economico, mas menos ostentoso e magnifico, traria para com o publico a idéa do ridiculo e misquinheira da Mesa para com a memoria deste Bemfeitor; o que daria uma fraca idéa da Administração — o que produziria no publico um juiso pouco favoravel com que soffreria a dignidade da Santa Casa e seus futuros interesses; por isso, deliberou que, fosse a armação adjudicada ao armador José da Silva; declarando por essa occasião os Irmãos Conselheiros Ribeiro Moreira, Fulgencio José Pereira, Cidade, e Magalhães Carmo que, votariam para que fosse adjudicada a armação ao armador Borges; e querendo que a maneira porque votavam [177] fosse declarada na Acta.

Em seguida, foi presente nova exposição do armador Manoel Vieira Borges, na qual dizia ja havia feito outra exposição na qual se offercia para executar as exequias do Bemfeitor o Doutor José Plácido Campiam, e bem como para as outras armações da Casa; e como fosse decorrido ja algum tempo vinha agora perguntar qual a resposta que a Mesa dava: resolveu-se que, se lhe respondesse que, quanto ás exequias ja a Mesa havia respondido com o annuncio para o concurso das mesmas, a que elle e quem mais quizesse podia concorrer; e quanto ao resto da exposição que, se lhe agradecia, e que era tomada na devida consideração.»

Documento nº 4

1872, Julho, 10 - [Porto].

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto decide nomear uma comissão para apreciar os riscos do mausoléu do Dr. José Plácido Campiam.

A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, Lº 13 (de 10 de Julho de 1872 a 5 de Março de 1874), f. 2v.

«Sessão em 10 de Julho de 1872
(...) [2v.] (...)

Em seguida expuz á Mesa que, havia sido nomeada uma Commissão (...) encarregada de escolher os riscos e mais accessorios, tudo como na mesma sessão se havia assentado, para a construção do mausoleu do grande Bemfeitor desta Santa Casa o D.or José Plácido Campiam; e como tinha um dos membros deixado de fazer parte da Commissão, vinha pedir que outro membro supprisse o seu lugar: a Mesa nomeou o Irmão Conselheiro José Ferreira Paes.»

Documento nº 5

1873, Fevereiro, 5 - [Porto].

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto decide poderem José Joaquim Teixeira Lopes, António d'Almeida Costa e outros apresentar, na sessão seguinte da Mesa, os riscos para o mausoléu do Dr. José Plácido Campiam.

A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, Lº 13 (de 10 de Julho de 1872 a 5 de Março de 1874), f. 62v. e 63.

«Sessão em 5 de Fevereiro de 1873
(...) [63]

Foram presentes dous requerimentos, o primeiro de José Joaquim Teixeira Lopes, escultor, em que expõem que, constando-lhe que esta Santa Casa projectava mandar erigir um monumento ao insigne Bemfeitor José Plácido Campiam, e desejando elle ser um dos concorrentes ao concurso pedia, mandassem admittir o supplicante ao mesmo: — igualmente foi presente outro requerimento de Antonio d'Almeida Costa, canteiro nesta Cidade, em que diz que, tendo sido encarregado pela Mesa para apresentar desenhos para um monumento que a Casa tencionava mandar levantar para perpetuar a memoria do fallecido Bemfeitor José Plácido Campiam, e tendo elle apresentado tres desenhos; e constando-lhe que outros individuos haviam sido encarregados de executar tambem alguns riscos, vinha, por isso, pedir que a Mesa mandasse abrir concurso para a adjudicação do dito monumento, e que o requerimento fosse junto aos seus desenhos ja apresentados: a Mesa, tomando conhecimento d'estes requerimentos, e tendo feito observações a este respeito; dicio que, poderia o artista José Joaquim Teixeira Lopes, apresentar á Mesa, na Sessão seguinte, os riscos, como tinham feito o artista Costa e outros para a Mesa escolher d'entre elles aquelle de que mais gostasse e julgasse melhor; devendo todos esses trabalhos serem presentes na proxima Sessão seguinte; e, bem assim, devendo fazer-lhe sciente d'esta deliberação o primeiro requerente, — primeiro, verbalmente pela Secretaria; e, quando instasse por despacho se lhe desse neste sentido.»

Documento nº 6

1873, Fevereiro, 12 - [Porto].

António d'Almeida Costa & Cª, Joaquim Teixeira Lopes e António Soares dos Reis, entre outros, apresentam à Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto

alguns riscos para o mausoléu do Dr. José Plácido Campiam, decidindo a mesma ouvir a opinião de pessoas competentes.

A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, Lº 13 (de 10 de Julho de 1872 a 5 de Março de 1874), f. 68, 68v. e 69.

«Sessão em 12 de Fevereiro de 1873
(...) [68v.] (...)

Em seguida, foi presente um officio de Antonio d'Almeida Costa & Cª, enviando juntamente dous desenhos com os nºs 1 e 2, pertencendo o desenho nº 2 a Joaquim Teixeira Lopes, e o nº 1 a Antonio de Almeida Costa: — Declaravam os mesmos no officio que, consentiam em qualquer alteração que se deseje fazer nos ditos seus desenhos; é bem assim, na mudança de qualquer adorno de um para o outro desenho, apresentados; e, mais ainda, que elles estavam promptos a apresentar qualquer modello escultural em gesso, não só dos seus desenhos como de qualquer outro que, por ventura fosse apresentado, e juntar o respectivo orçamento na occasião do concurso, quando por ventura elle tivesse lugar; julgando, deste modo, a Mesa ficar habilitada a fazer uma melhor escolha: Foram presentes por essa occasião não só esses riscos como tambem [69] o apresentado pelo escultor Antonio Soares dos Reis, e d'outros mais: a Mesa depois de os vêr e observar a todos, entendeu que, precisava de consultar as pessoas competentes a esse respeito; decidindo por isso que, se convidassem o Fiscal d'Obras Eduardo Augusto Lessa, e o Engenheiro e Architecto Falcão, para illucidarem a Mesa e ella depois escolher.»

Documento nº 7

1873, Fevereiro, 19 - [Porto].

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto decide entregar ao desenhador Leça o risco do mausoléu do Dr. Campiam, devendo traçá-lo segundo a opinião do Eng.º Falcão.

A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, Lº 13 (de 10 de Julho de 1872 a 5 de Março de 1874), f. 70v., 71 e 71v.

«Sessão em 19 de Fevereiro de 1873
(...) [71] (...)

Em seguida, foi igualmente presente o Engenheiro Falcão, que, a pedido da Mesa, tinha sido convidado para vir observar os riscos e illucida-la ácerca do monumento a erigir ao primeiro Bemfeitor desta Santa Casa o D.or José Plácido Campiam; o qual depois de os vêr e examinar disse que, primeiro, em quanto á questão na generalidade, a Mesa podia discutir a idéa do monumento; isto é, se deveria fazer-se estatua ao homem se allegoria á caridade: que, em quanto á differença dos pedestaes, estatuas, baixos relevos, etc. etc. se devia delegar em pessoa reconhecida competente em questão de Bellas Artes: — Que,

em quanto á execução do pedestal, molduras e ornatos architectonicos, poderia abrir concurso entre os mestres neste ramo, que os havia bastantes: que, finalmente, no que respeita a esculptura considerada como arte bella, — figura humana, — tanto em estatua como em baixo relevo, não podia deixar de lemitar o concurso, tratando-se de portuguezes, a Victor Basto — e Soares dos Reis — Segundo, — que, em quanto á idéa do monumento, não gostava de alegoria e que achava melhor fazer a estatua ao homem vestido á actualidade como Irmão da Misericordia, assentado, pondo-se no pedestal dous baixos relevos alusivos ao Hospital de Santo Antonio. Depois de elle ter sahido da sala, entrou este objecto em discussão, decidindo-se final a Mesa que se encarregasse o desenhador Lessa, Inspector Fiscal desta Santa Casa, de fazer um [71v.] risco segundo o esboço apresentado pelo Engenheiro Falcão.»

Documento nº 8

1873, Fevereiro, 26 - [Porto].

É apresentado à Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto o risco do Eng.º Falcão para o mausoléu do Dr. Campiam, mas, como não estavam presentes alguns Mesários, ficou a decisão adiada para outra sessão.

A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, Lº 13 (de 10 de Julho de 1872 a 5 de Março de 1874), f. 73.

«Sessão em 26 de Fevereiro de 1873
(...)»

Foi presente um risco do mausoleo para o grande Bemfeitor desta Santa Casa, José Placido Campiam, apresentado pelo Engenheiro Falcão, passando a Mesa a examina-lo. Como, porem, não estivessem presentes alguns Mesarios, entendeu a Mesa dever ficar adiado para uma outra sessão o tratar-se das differentes questões e pontos relativos a este objecto.»

Documento nº 9

1873, Março, 19 - [Porto].

A não apresentação de alguns riscos para o mausoléu do Dr. Campiam leva a Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto a adiar a apreciação desta matéria.

A.H.S.C.M.P. — *Actas das Sessões*, Lº 13 (de 10 de Julho de 1872 a 5 de Março de 1874), f. 82v. e 85v.

«Sessão em 19 de Março de 1873
(...) [85v.] (...)»

Em seguida, o Irmão Conselheiro D.or Guimarães, perguntou, se, não se tomava uma resolução a respeito do monumento a levantar ao grande Bemfeitor da Santa Casa, o D.or José Placido Campiam; que, estando actualmente presente

o Conselheiro Mordomo d'Obras, se podia tratar deste objecto nesta Sessão. Foram por isso, presentes alguns dos differentes riscos, que n'este momento existiam, menos o do canteiro S.A. dos Santos & Irmão *, e o desenho apresentado pelo Engenheiro Falcão; suscitou-se discussão sobre se deveria fazer-se a estatua ao Bemfeitor ou á Caridade; como, porem, faltassem alguns riscos, principalmente o do Engenheiro Falcão, e o Irmão Conselheiro Ferreira d'Oliveira manifestasse o desejo de que se consultassem pessoas competentes a tal respeito, ficou este objecto adiado para uma das proximas Sessões.»

Documento nº 10

1873, Maio, 28 - [Porto].

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto nomeou uma Comissão para mostrar aos lentes da Academia de Belas Artes do Porto os riscos para o mausoléu do Dr. Campiam.

A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, Lº 13 (de 10 de Julho de 1872 a 5 de Março de 1874), f. 108v., 111v. e 112.

«Sessão em 28 de Maio de 1873
(...) [111v.] (...)»

Em seguida, o Irmão Conselheiro Ferreira d'Oliveira, observou que era necessario tomar uma resolução a respeito do monumento do primeiro Bemfeitor desta Santa Casa o Dr. José Placido Campiam, tanto mais que ja haviam sido apresentados differentes riscos por alguns mestres canteiros e tinha havido até a este respeito a opinião d'um engenheiro e architecto, entendendo elle que não deviamos concluir os trabalhos da nossa administração sem tomarmos a tal respeito uma resolução.

Tendo a este respeito havido alguma [112] discussão, decidiu a Mesa a final que, uma Comissão composta dos Irmãos Conselheiros Ferreira d'Oliveira — e Passos, fosse encarregada de apresentar os differentes riscos até agora apresentados aos lentes da Academia de Bellas Artes e ouvir os seus pareceres a este respeito.»

Documento nº 11

1873, Junho, 28 - [Porto].

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto decide deixar que o assunto do mausoléu do Dr. Campiam, por ser muito importante, e o seu mandato estar a cessar, seja tratado pela próxima Mesa.

A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, Lº 13 (de 10 de Julho de 1872 a 5 de Março de 1874), f. 119v., 121 e 121v.

* O nome do canteiro vem escrito a tinta diferente.

«Sessão extraordinária em 28 de Junho de 1873

(...) [121] (...)

Em seguida, o Irmão Conselheiro Oliveira, fez ver á Mesa que, elle com o Irmão Conselheiro Passos, tinha sido encarregado de consultarem os Professores de Bellas Artes ácerca do monumento a construir ao primeiro Bemfeitor desta Santa Casa o D.or José Placido Campiam. Como, porem, um dos Professores mais notaveis estivesse ausente, não chegaram a obter o parecer dos mesmos. Entretanto, este objecto era de grande importancia; e a tal respeito devia a Mesa tomar uma resolução para que em algum tempo não possa ser alcuñhada de descuidadosa.

A Mesa, attendendo a que assumpto de tanta ponderação mais vale não tomar resolução alguma do que abraçar qualquer idea desacertada, para evitar o que, bem empregado todas as diligencias procurando os Mestres e as pessoas mais abalisadas; e, attendendo a que no curto espaço que temos da nossa administração não temos tempo sufficiente para estudar a questão e tomar uma resolução em conformidade com o pensamento e desejos [121v.] decidiu que, este importante assumpto ficasse reservado para a futura Mesa, a quem a actual o deveria recommendar com o interesse que demanda um objecto tão momentoso.»

Documento nº 12

1873, Agosto, 21 - [Porto].

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto aprova o risco para o mausoléu do Dr. Campiam, onde figurará a alegoria da Caridade.

A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, Lº 13 (de 10 de Julho de 1872 a 5 de Março de 1874), f. 139v., 140v. e 141.

«Sessão em 21 d'Agosto de 1873

(...) [140v.] (...)

Foram em seguimento exhibidos e submettidos á discussão e aprovação da Mesa, os differentes riscos ou desenhos para o monumento a erigir ao maior Bemfeitor desta Santa Casa o fallecido D.or José Placido Campiam, para que definitivamente [141] fosse escolhido d'entre elles um, que se julgasse digno de prepetuar a memoria de tão insigne e benemerito concidadão; pagando a Administração desta Santa Casa por esta forma, unica de que pode usar licitamente, uma divida tão sagrada, para o desempenho da qual licito lhe seria igualmente despendir somma elevada se, todos os rendimentos desta Santa Casa não fossem ainda bem necessarios á sustentação, conforto e amparo de tantos milhares d'infelizes, que, diariamente, se acolhem aos muros hospitaes do seu grande Hospital de Santo Antonio; para os quaes quasi exclusivamente applicou este grande benemerito da humanidade todos os rendimentos da avultadissima fortuna que lhe legou.

Depois de demorada estudo e meditação sobre os desenhos exhibidos, foi final unanimemente escolhido o que tem o nº 1, que representa ou figura a

Caridade * no qual tem de fazer-se uma pequena modificação, que consiste apênas, na mudança da criança que amamenta ao peito para o colo simplesmente; ficando encarregado o Irmão Conselheiro Paes de pôr em practica os meios necessarios para levar á execução este monumento; — podendo aggregar a si quem o cuajuve nesta missão.»

Documento nº 13

1873, Outubro, 2 - [Porto].

É apresentada à Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto a proposta de Almeida Costa & Cª para o mausoléu do Dr. Campiam, com a indicação dos materiais com que edificariam o mesmo.

A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, Lº 13 (de 10 de Julho de 1872 a 5 de Março de 1874), f. 154, 154v. e 155.

«Sessão em 2 d'Outubro de 1873

(...) [154v.] (...)

Tendo sido apresentada a proposta feita por Almeida Costa & Cª, com estabelecimento d'esculptura em marmore na Rua do Laranjal, para a construcção do monumento ao insigne Bemfeitor o D.or José Placido Campiam, e bem assim os modillos em gesso da estatua da Caridade que tem de ser alçada como remate do referido monumento, e o medalhão representando a cabeça, em baixo relevo, d'aquelle grande benemerito da humanidade; e tendo sido tanto a proposta como os modellos analisados detidamente pela Mesa, foram os modellos approvados e authorisado o Irmão Conselheiro Paes a obter do proponente a redução possivel na quantia de Rs. 4:000\$000, por quanto elle se obriga á construcção e levantamento do referido monumento, como se vê da sua proposta, cujo contheudo é o seguinte: — 'Proposta — Tendo os abaixo assignados examinado e orçado o projecto do monumento que a Excellentissima Mesa da Santa Casa da Misericórdia pretende mandar erigir á memoria do insigne Bemfeitor o Excellentissimo Senhor D.or Campiam, teem a honra de apresentar a seguinte proposta: — 'Obrigam-se a construir o sobredito monumento de bom marmore branco portuguez, da melhor qualidade [155] edificado sobre uma sapata de granito, sendo os alicerces da mesma pedra, tudo solidamente construido, e perfeitamente obrado'. — 'No corpo do primeiro pedestal terá o lugar ou espaço preciso para comportar o caixão em que estão encerrados os restos mortaes de tão benemerito concidadão. Em frente do segundo pedestal terá esculpido, em marmore de Carrara de segunda qualidade o busto do Bemfeitor, tendo na extremidade do monumento uma estatua d'igual marmore de Carrara e d'uma só pedra, representando a Caridade'. — Esta obra esculptural será copiada fielmente dos modellos em gesso apresentados pelos proponentes; sugeitando-se estes a todas as imposições e analyses que a Excellentissima Mesa julgar conveniente que lhes sejam impos-

* Riscou-se um ponto e vírgula.

tas'. — 'Obrigando-se outro sim a dar toda a obra concluída pela quantia de quatro contos de reis'. — Porto 28 de Setembro de 1873 — Antonio Almeida da Costa & C^ª.»

Documento nº 14

1873, Outubro, 9 - [Porto].

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto decide arrematar a António d'Almeida Costa & C^ª a feitura do mausoléu do Dr. Campiam, pela quantia de 3:900\$000 rs.

A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, L^o 13 (de 10 de Julho de 1872 a 5 de Março de 1874), f. 156v. e 157.

«Sessão em 9 d'Outubro de 1873
(...) [157] (...)

Em seguida, foi novamente ventilada a questão do monumento a erigir ao primeiro Bemfeitor da Santa Casa, o D.or José Plácido Campiam, e de novo ponderada a proposta que, para a sua edificação, haviam feito, Antonio d'Almeida Costa & C^ª; resolvendo-se por fim unanimemente que, a construção deste monumento fosse dada effectivamente aos referidos proponentes na forma da sua proposta; com a limitação porem, do preço da construção a Rs. 3:900\$000; ficando authorisado o Irmão Conselheiro Paes, a marcar o praso de tempo em que deverá ser concluído o monumento.»

Documento nº 15

1874, Fevereiro, 5 - [Porto].

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto decide o local dentro da secção privativa da mesma Santa Casa no Cemitério do Prado do Repouso onde edificarão o mausoléu do Dr. Campiam.

A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, L^o 13 (de 10 de Julho de 1872 a 5 de Março de 1874), f. 186v. e 187.

«Sessão em 5 de Fevereiro de 1874
(...) [187] (...)

Em consequencia da vistoria a que a Mesa procedeu no Cemiterio do Prado do Repouso e local privativo d'esta Santa Casa, resolveu-se que, o monumento que se vai alli erigir ao Bemfeitor Dr. José Plácido Campiam, fique collocado no primeiro quarteirão do lado esquerdo da rua principal, tendo uma rua direita ao dito monumento lageada ou a mosaico toda cercada de pilares

* Toda a citação tem, lateralmente, à esquerda, o sinal de aspas.

de pedra ligados com cadêas; devendo considerar-se esta rua como pertença do mesmo mausoleo.»

Documento nº 16

1874, Junho, 30 - [Porto].

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto entrega a inscrição a colocar no mausoléu do Dr. Campiam ao Irmão Conselheiro Paes para que este emita o seu parecer.

A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, L^o 14 (de 12 de Junho de 1874 a 27 de Janeiro de 1876), f. 21 e 21v.

«Sessão em 30 de Junho de 1874
(...)

O Senhor Provedor apresentou uma inscrição para ser exarada no mausoleo do insigne Bemfeitor D.or José Plácido Campiam, resolvendo a Mesa que esta inscrição fosse entregue ao Irmão Conse[21v.]lheiro Paes, commissionado pela Mesa para levar a effeito a construção d'este mausoleo, para que elle desse o seu parecer.»

Documento nº 17

1874, Agosto, 20 - [Porto].

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto aprova as inscrições a serem levadas a cabo no mausoléu do Dr. Campiam, situado na secção privativa da Santa Casa no Cemitério do Prado do Repouso.

A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, L^o 14 (de 12 de Março de 1874 a 27 de Janeiro de 1876), f. 35, 35v., 36, 36v. e 37.

«Sessão em 20 d'Agosto de 1874
(...) [35v.] (...)

Por essa occasião dei parte á Mesa de que ja se achavam escolhidas as inscrições que tinham de ser gravadas no monumento funebre que a Mesa da Santa Casa mandara erigir ao insigne Bemfeitor D.or José Plácido Campiam no seu Cemiterio privativo, tendo eu [Henrique Carlos de Miranda] sido encarregado pela Mesa em uma das ultimas Sessões de consultar com pessoas entendi[36]das e de submeter á sua approvação digo apreciação varios projectos d'inscrições que haviam sido offerecidas, entre as quaes uma do Senhor Provedor D.or Vasconcellos. Acrescentei que a inscrição offerecida pelo Senhor Provedor era merecedora de todo o acolhimento quanto a essencia, mas que por demasiado extensa não se prestava por falta de espaço necessario na pedra, a que fosse

gravada debaixo d'uma forma elegante e graciosa como me parecia conveniente; — que da mesma opinião foram os Irmãos Conselheiros que d'ella tiveram conhecimento; — que as outras apresentadas tambem não preenchiam satisfactoriamente o fim desejado: que em visto d'isto e entendendo que as inscripções deveriam ser tão singela quanto possível, por que la estava o monumento pela sua grandiosidade para attestar o notabilissimo beneficio feito á humanidade desvalida por aquelle benemerito cidadão, tinha eu formulado de combinação com pessoa entendida a quem havia recorrido, uma inscripção em que consiliara a singeleza com a boa collocação, sendo ella dividida pelas quatro partes digo faces do pedestal, mas fazendo sentido perfeito em cada uma das partes em que se (?) dividia, parecendo-me que assim não deixaria de produzir agradável efeito. Firmado n'este pensamento, mas julgando o assumpto melindroso, e confiando pouco em mim, recorri ao auxilio de cavalheiros competentissimos, convidando para uma conferencia sobre este assumpto os tres últimos Provedores da Santa Casa os Senhores Doutores Cirne — Moutinho — e Rodrigues d'Oliveira, que tiveram a benevolencia de acceder ao meu pedido. Ao mesmo tempo compareceram tambem os Senhores Doutores Salles servindo de Provedor, e Luiz José Ferreira Paes, membro da Commissão do Monumento, que do melhor grado se prestaram a vir a esta conferencia. Aili depois de haver exposto o fim por que havia sollicitado a sua comparencia, submetti-lhes os varios projectos que haviam e os inconvenientes que se lhes [36v.] encontravam e dei conta do meu pensamento, pedindo-lhes encarecidamente que se despissem de todas e quaesquer considerações e que com a maior franqueza notassem os defeitos que lhe encontrassem, com o que longe de me offenderem me penhorariam immensamente. Depois de detidamente examinados os projectos, foram concordes todos os referidos senhores em que o systema por mim proposto era o que devia ser preferido, fazendo-se algumas pequenas modificações em um outro dizer. Accordou-se depois nas modificações que pela discussão se julgaram aceitaveis e era o resultado d'estes trabalhos que eu hoje submettia á apreciação e voto da Mesa.

Em seguida dei conta da inscripção que foi accordada, a qual sendo dividida pelas quatro faces do pedestal era concebida nos seguintes termos. Na face anterior do pedestal que olha para o Norte: — 'Á memoria do egregio varão e singular bemfeitor da humanidade desvalida José Plácido Campiam, bacharel formado em Canones pela Universidade de Coimbra'. — Na face posterior que diz para o Sul: — 'A Santa Casa da Misericórdia do Porto grata aos prestantes beneficios de tão benemerito cidadão, mandou erigir este funebre monumento, jazigo dos seus restos mortaes: Anno 1874'. — Na face do lado do Nascente: — 'Nasceu n'esta cidade do Porto aos cinco d'Outubro de mil oitocentos e um'. — E na face do lado do Poente: — 'Falleceu em Villa Nova de Gaia aos 28 de Fevereiro de 1872'.

A Mesa depois de considerar devidamente esta inscripção e o pensamento que presidio a ella para que pela sua singeleza e brevidade podesse ser gravada na pedra tumular d'uma forma symetrica approvou-a plenamente, [37] sendo a Commissão do monumento authorisada a faze-la gravar.»

Documento nº 18

1874, Setembro, 17 - [Porto].

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia do Porto aprovou os versículos bíblicos a serem gravados no túmulo do Benfeitor da mesma Santa Casa, Dr. José Plácido Campiam.

A.H.S.C.M.P. - *Actas das Sessões*, Lº 14 (de 12 de Março de 1874 a 27 de Janeiro de 1876), f. 41v., 42 e 42v.

«Sessão em 17 de Setembro de 1874

(...) [42] (...)

Na forma que havia promettido em Sessão de 20 d'Agosto proximo pasado, submetti á approvação da Mesa os versiculos da Biblia que teem de ser esculpidos nos ovados do monumento a erigir á memoria do maior Bemfeitor d'esta Santa Casa o D.or José Plácido Campiam: a Mesa depois de por mim [Henrique Carlos de Miranda] lhe serem lidos approvou os mesmos versiculos tanto no seu texto latino como a versão portugueza d'elles os quaes são como se segue:

- 1º -

Cum facis convivium, voca pauperes, debiles, claudos et caecos: et beabus eris: retribuetur enim tibi in resurrectione justorum.

Evangelho S. Lucas, Cap. XIV, 13 e 14.

Quando deres algum banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos: e serás bem aventurado: ser-te ha esso retribuido na ressurreição dos justos.

Tradução: do Pe. A. P. de Figueiredo.

- 2º - [42v.]

Ex substantia sua fac elemosynam, et nobi avestere faciem huam ab ullo paupere: quomodo pobueries, ita esto misericors; si multum tibi fuerit, abundanter tribue: praemium enim bonum tibi thesaurisas.

Tobias, Cap. IV, 7, 8, 9, 10.

Faze esmolos dos teus bens, e não voltes a tua cara a nenhum pobre: da maneira que puderes, sê caritativo: se tiveres muito dá muito: porque assim enthezouras uma grande recompensa.

Tradução do Pe. A. P. de Figueiredo.

- 3º -

Benefacit anima suae vir misericors: faeneratur Domino qui miseratur pauperis.

Provérbio, Cap. XI, 17, e Cap. XIX, 17.

O homem caritativo fáz bem á sua alma: o que se compadece do pobre, dá o seu dinheiro a juro ao Senhor.

Tradução do Pe. A. P. de Figueiredo».